



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DHARANA DA VEIGA PUGGI

REDES SOCIAIS: ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

BRASÍLIA  
2016

PUGGI, Dharana da Veiga

Redes sociais: ensaio sobre a educação das relações étnico-raciais/ Dharana da Veiga Puggi. Brasília, 2016. 92 f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lima Martins Pederiva.

Trabalho de Conclusão de Curso / Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/ UnB, 2016.

1. Racismo no Brasil; 2. Meme *nego faz tal coisa*; 3. Sujeito indeterminado; 4. Nego;

Dharana da Veiga Puggi

REDES SOCIAIS: ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão Examinadora da  
Faculdade de Educação da Universidade de  
Brasília como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lima Martins Pederiva

BRASÍLIA  
2016

Dharana da Veiga Puggi

REDES SOCIAIS: ENSAIO SOBRE A EDUCAÇÃO  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão Examinadora da  
Faculdade de Educação da Universidade de  
Brasília como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)  
Departamento de Métodos e Técnicas / FE / UnB

---

Daniela Barros Pontes e Silva  
Mestranda – PPGE / UnB

---

Me. Saulo Pequeno Nogueira Florencio  
Doutorando – PPGE / UnB

---

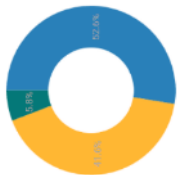
Paulo Henrique Alves Rocha



Em resposta a Michel Temer  
**Marcelo Baptista** @camabap · 14 de out  
 @MichelTemer Vamos Dialogar Então, já que mudou o programa aprovado nas urnas, renuncie #ForaTemer

**Matheus** @MathDonizete · 14 de out  
 Por dentro estou triste, por fora temer #ForaTemer

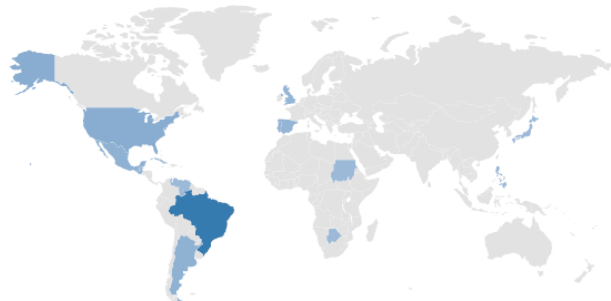
**Logan** @BobtesLogan · 1h  
 Repito um print que fiz aqui no dia 01 de setembro  
 #ForaTemer



#### Location

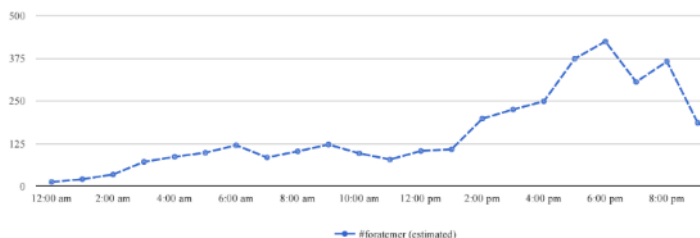
World

USA



#### Estimated Tweets per Hour (based on 1% Sample)

Timezone: America/Chicago



447  
POSTS

337  
USERS

855,268  
REACH

1,068,925  
IMPRESSIONS

**edi** @Ediannes\_Alves · 14 de out  
 #FORATEMER #FORATEMER #FORATEMER #FORATEMER #FORATEMER  
 #FORATEMER #FORATEMER #FORATEMER #FORATEMER #FORATEMER

**Sabrina Carolina** @SabrinaV\_ · 14 de out  
 A UFVJM não vai se calar! #VEMCOMAFEDERAL #OCUPATUDO  
 #FORATEMER



**Mauricio Machado** @Mr\_Machado · 19 de out  
 Parabéns aos envolvidos! ->>> @Planalto @MichelTemer @deltanmd  
 @MPF\_PGR @MPF\_PRPR @STF\_oficial @Rede45 #moro #foratemer #golpe  
 #farsajato



**Angela Milanese** @AngelaMilanese · Oct 18  
 #ForaTemer protest - Brazilian students at University of South Australia & Adelaide University, Adelaide #Australia



1 3 6 ...

Cada RT é um #ForaTemer

Bruca Meneghel @FeBSocares Oct 10

152

**Primeiramente, #ForaTemer<sup>1</sup>.**

<sup>1</sup> Montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes mecanismos de busca usando a hashtag #ForaTemer. Sítios eletrônicos acessados em 25/10/2016. Referências disponíveis no Apêndice I.

## “QUAL É O COLETIVO DE GRATIDÃO?”

**Lia Maria**, este trabalho é todinho dedicado a você. Não foi fácil. Foram noites viradas em claro, muita pesquisa; pesquisa essa que por vezes pareceu arqueológica. Me senti a própria Indiana Jones procurando pelos livros que você me emprestou para a monografia aquele dia. Mas encontrei, e li e escrevi. Para tentar verbalizar a minha indignação neste exercício de escrita, me afundei em referências; artigos, blogs, redes sociais, vídeos variados, mecanismos de busca. O que ficou de fora, no plano das conjecturas e inquietações daria uma tese de doutorado; mas espero ter contribuído com elementos para a discussão do racismo no Brasil de uma forma que não te faça sentir vergonha alheia de mim. Obrigada, de coração, por toda a doçura, paciência e didática no meu processo de educação das relações étnico-raciais (muito antes de eu descobrir que esse é o nome para o que aconteceu). **Sem você estas páginas não existiriam**, nem no plano das ideias, e eu não teria a percepção da realidade que tenho hoje. Lembro de ter dito que você estava paranoica porque “via racismo em tudo”; e hoje não consigo ter paciência com quem me fala esse tipo de coisa porque entendi que algumas pessoas “veem racismo em todo lugar” porque ele **está em todo lugar. Manga-coquinho**, gratidão por me ajudar a ajustar o foco da minha visão, me ajudar a ver com meus próprios olhos e segurar na minha mão sempre; **você é MUITO MARAVILHOSA!** Um beijo da comadre **Goiabeira**.

**Professora Patrícia Pederiva**, sempre soube que você era fenomenal, mas experimentar isso de perto é uma experiência fascinante e libertadora. Obrigada por me cutucar, provocar, revirar do avesso, chacoalhar, sacudir até que as inquietações fossem saindo; uma após a outra. Pat, obrigada por acolher minhas inquietações e comprar a minha briga. É uma honra sem tamanho pra mim poder compartilhar este pedaço de caminho com você, neste momento tão conturbado da história do nosso país. Obrigada por não desistir de mim, **Ubuntu**; você ensina pela prática, e ainda faz parecer a coisa mais natural do mundo. Pat, **você é MUITO FENOMENAL!** Gratidão, mesmo. [Respostas da <3 Pat <3: “*Eu é que sou grata pela oportunidade de caminhar junto...bjs A honra é minha! Grata!*”]

**Dani**, cheguei até o fim! Obrigada por ser minha companheira de jornada; foram muitas emoções. Obrigada por tudo. Obrigada pelo suporte nos momentos mais difíceis. Não teria chegado aqui sem você. Dani, **você é MUITO INCRÍVEL!** Gratidão em loop infinito. **Saulo**, obrigada por todas as conversas de 2012 para cá. Lembra quando cheguei empolgadíssima e tagarelei sobre o tema do meu trabalho sem parar (na época, era uma semente do que virou este ensaio) e você me perguntou “você vai falar sobre racismo?” E eu,

sem jeito, pedindo desculpas, respondi timidamente que “ia falar um pouco, se desse tempo, mas eu não tinha certeza”. Meia fração de segundo depois, sem pestanejar, você disse que eu estava reprovada. *Bang!* Resposta errada. Saulo, obrigada pelos conselhos todos e, principalmente por não me deixar fugir da raia. **Dani e Saulo**, gratidão por terem aceitado o convite; é uma honra tê-los na minha banca.

**Professor Erasmo Baltazar Valadão**, gratidão eterna pela sabedoria compartilhada desde o primeiro semestre e pelo caminho, e, principalmente, por me ajudar a compreender meu papel social enquanto universitária e cidadã.

**Professora Renísia Garcia Filice**, obrigada pela amizade e imensa paciência. Agradeço pela guiança nos primeiros passos e pelo contínuo incentivo e apoio nesta jornada de resistência na Academia.

**Ju**, obrigada pelo ombro amigo e conselhos sábios durante todo o processo de escrita deste trabalho; aquele seu e-mail-textão foi meu companheiro de jornada. *“Eu acho que você vai ter que se agarrar nas suas formulações como muita segurança e REMAR. Não se justifique. Você tem pleno direito de existir onde quer que deseje estar. Só dê mais um passo e vá até lá”*. Remei, remei, remei. **Lucas**, obrigada por compartilhar todas as dicas de sobrevivência.

Obrigada **BabaLu e Little Momis**, vocês são um presente do Universo; gratidão. **Iaiá Mônia**, obrigada pelo *coaching* acadêmico. **Seu Zé**, gratidão eterna desta sua filha teimosa <3 <3.

**Taíze**, seu exemplo acadêmico me inspira todos os dias. Você é uma lacradora! **Amanda, Helena, Catherine, Manoel, Mariza, Madu** obrigada por toda cumplicidade, parceria e tantas risadas (e agonias compartilhadas). **Joelma** querida, você foi uma estrela que iluminou e animou nosso primeiro semestre e fez incomensurável falta durante o percurso de nossa graduação; este trabalho também é dedicado a você *in memoriam*. Que Oxalá continue te abençoando na sua jornada espiritual e confortando os corações daqueles que ficaram.

**Papai Reynaldo**, obrigada por tudo.

Obrigada **Twitter, Google, Youtube** (apesar de tudo). Vocês fazem isso tudo ser possível. Obrigada aos usuários cujos *tweets* e comentários foram replicados aqui; obrigada pela sinceridade (tantas vezes anônima). Sem vocês eu não teria campo de estudo.

**Tia Dê**, obrigada por ter sempre instigado meu senso crítico e chamado minha atenção para as realidades diferentes da minha. **Dinda e Brenda**, não tenho palavras para agradecer a amorosa presença de vocês na minha vida. Gratidão pelo acolhimento; sem a intervenção de vocês provavelmente não estaria aqui hoje, de pé. Andar reto, de cabeça erguida; e se levantar

todas as vezes que cair são atitudes que aprendo e reaprendo com vocês todos os dias; pelo exemplo prático.

**PrinPrin**, a melhor surpresa de 2016. Caminhar com você tem sido um aprendizado transformador. Obrigada por encher meu mundo de alegria! Pela estrada afora, *vamos* bem contentes.

**Mamãe Chris**, gratidão por toda dedicação, investimento, amor e apoio incondicionais. Gratidão pelos conselhos sempre tão sutis e cheios de otimismo. Gratidão pela liberdade e autonomia que me proporcionou; pela oportunidade de fazer minhas próprias escolhas e espaço para lidar com as consequências delas. **Te amo <3 <3 <3.**

**Papai Rey**, obrigada. Finalmente cheguei.

Obrigada a **todxs** que eu não citei aqui. **A LUTA CONTINUA!**

“Roubaram o sol das  
nossas vidas e aí  
inventaram um caminho  
para nos dizer que temos  
que correr pra ter um lugar  
ao sol”

Criolo<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O artista Criolo, em entrevista. Disponível em: <[https://youtu.be/iHlgF5X9\\_qo](https://youtu.be/iHlgF5X9_qo)> Acesso em: 08 dez. 2016.

PUGGI, Dharana da Veiga. *Redes sociais: ensaio sobre a educação das relações étnico-raciais*. Brasília-DF. Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2016.

## RESUMO

Considerando que as redes sociais configuram espaços de caráter educativo, este trabalho se propõe a refletir sobre de que forma os processos educativos das relações étnico-raciais acontecem nesses espaços. Neste sentido, este ensaio esboça uma análise reflexiva e dialogada sobre o meme “nego faz tal coisa” a partir dos discursos de pares Negros e não-Negros em redes sociais acerca do uso do referencial “nego” como parâmetro indeterminador do sujeito. Este estudo considera, também, a própria autora como campo de pesquisa, na medida que entendemos que o indivíduo é indissociável do meio (VYGOTSKI *apud* SILVA, 2014) e que nos constituímos a partir das nossas relações com outros humanos e com o meio. Desta forma, as reflexões são trazidas numa tentativa de relacionar teoria científica da temática racial e elementos da vida cotidiana. Para tanto, este ensaio se configura como um exercício de auto-observação das formas como o racismo se mantém vivo em mim por meio da observação de meus pares. Desta forma, o referencial teórico deste estudo foi produzido por mulheres Negras (hooks, GOMES, KILOMBA e DEUS) porque sua produção científica está inevitavelmente e intrinsecamente imbuída de suas vivências enquanto tal, o que amplia e ancora a dimensão de suas discussões. Diante do exposto, este ensaio tenta representar e acolher o debate sobre o racismo com mais afeto e convida o interlocutor para mergulhar nestas questões e observar como ele próprio se relaciona com elas.

**Palavras-chave:** Racismo no Brasil; Meme *nego faz tal coisa*; Sujeito indeterminado; Nego;

## ABSTRACT

Considering that social networks are spaces of an educational character, this paper proposes to reflect on how the educational processes of ethnic-racial relations take place in these spaces. Accordingly, this essay brings a reflective analysis of the discourses of Black and non-Black pairs in discussing the meme "*nego faz tal coisa*" (i.e., "*nego* does this or that") in different scenarios of social media. This study also considers the author herself as a field of research, given that we understand that the individual is inseparable from the environment (VYGOTSKI *apud* SILVA, 2014) and that we come to be from our relations with other humans and the environment. Reflections are presented as an attempt to relate scientific theory of the racial theme and elements of daily life. Thus, this essay is an exercise of self-observation of the ways in which racism is kept alive in me by means of observing my pairs. In order to achieve this purpose, the theoretical reference chosen for this study comes from Black women (hooks, GOMES, KILOMBA and DEUS) because their scientific production is inevitably and intrinsically imbued with their experiences, which broadens and anchors the dimension of their discussions. Finally, this essay attempts to represent and welcome the debate about racism in Brazil with more affection and invites the interlocutor to delve into these issues and to look at how they personally relate to these issues.

**Keywords:** Racism in Brazil; Meme *nego faz tal coisa*; Social Networks; Nego;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Réplica do “significado da gíria ‘véi’”.	15
Figura 2: Réplica de uma tela do mIRC.	16
Figura 3: Ilustrações de Valentina Fraiz, Vozes da Igualdade; na página do Anis - Instituto de Bioética (@AnisBioetica, no Facebook).	28
Figura 4: Montagem feita pela autora com réplica de <i>prints</i> do perfil @brancosfeios; seu <i>pinned tweet</i> ; e uma postagem que exemplifica a maneira que o humor é usado para denunciar a ideologia do branqueamento.	33
Figura 5: Montagem feita pela autora com réplicas de <i>prints</i> do perfil @brancosiguais; seu <i>pinned tweet</i> ; e uma postagem que exemplifica a maneira que o humor é usado para denunciar a ideologia do branqueamento.	34
Figura 6: Montagem feita pela autora com dois <i>tweets</i> do perfil @brancosiguais. O primeiro mostra um estádio cheio de pessoas brancas (parecem estrangeiros) e o segundo mostra uma delegação de ministros do governo Temer, composta apenas por homens-cis brancos.	35
Figura 8: <i>Print</i> da página do vídeo intitulado “Sobre Caio (namorado da Jout Jout) e Neymar Jr”, do Canal Papo de Preta, em que Natália Romualdo e Maristela Rosa comentam episódios recentes, trazendo uma reflexão crítica.	36
Figura 9: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”.	40
Figura 10: Réplica de <i>tweet</i> da digital influencer @juzao (seguida por 133 mil usuários naquela rede social).	41
Figura 11: Réplica de <i>replies</i> de usuários ao <i>tweet</i> da @juzao.	42
Figura 12: <i>Print</i> da página do vídeo “Nego acha que é racismo”, do Canal Felipe Neto.	42
Figura 13: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”, ilustradas por fotos de sujeitos Negros, ligando-os a frases como “nego não aprende”, “nego é retardado”, “nego é muito criança” e “nego <i>downs</i> vacilo” (esta última é um trocadilho entre Síndrome de <i>Down</i> e a gíria “dar uns vacilos”).	43
Figura 14: Réplicas de comentários postados na página do vídeo “Nego acha que é racismo”. ...	44
Figura 15: Montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes dicionários eletrônicos para as palavras “nego” e “neguinho”.	46
Figura 16: Montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes dicionários eletrônicos para as palavras “nego” e “neguinho”.	47




- Figura 17: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”, ilustradas por fotos de sujeitos Negros durante a Escravidão e Apartheid, ligando-os a frases como “nego não vale nada”, “nego tá soltinho hoje”, “nego não se emenda”, “nego é traíra”, “nego não se enturma”, e “nego fala demais”. .....48
- Figura 18: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”, ilustradas por fotos de sujeitos Negros crianças, ligando-os a frases como “é muito criança”, “nego se amarra”, “nego se diverte” e “nego tá de brincadeira”. .....49
- Figura 19: Réplica de comentário dos usuários **hard x cookie** e **Dorian Mori** na página do vídeo “Nego acha que é racismo”, no Canal Felipe Neto. ....50
- Figura 20: Montagem feita pela autora de tweets dos perfis **@brancosfeios** e **@brancosiguais** motivada pela provocação da usuária **hard x cookie** de se fazer piada com pessoas brancas (mesmo que em outro contexto). .....51
- Figura 21: Réplica de comentário do **Canal Papo de Preta** na página do vídeo “Nego acha que é racismo”, do **Canal Felipe Neto**. ....53
- Figura 22: Montagem feita pela autora com postagem do usuário **Paulo Henrique** na rede social *Instagram*; *tweet* de **@RenanWilbert** congratulando a nova Miss Brasil e uma imagem de Jesus Preto. ....54
- Figura 23: Ilustração da autora para uma prece d’ A Mãe (The Mother). .....58

## SUMÁRIO

“QUAL É O COLETIVO DE GRATIDÃO?” .....	IV
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT .....	IX
LISTA DE FIGURAS .....	X
SUMÁRIO.....	XII
MEMORIAL .....	11
REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A TEMÁTICA RACIAL NO BRASIL .....	20
AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS.....	31
NO TWITTER, @BRANCOS FEIOS .....	32
E @BRANCOS IGUAIS .....	33
NO YOUTUBE, CANAL PAPO DE PRETA.....	35
REFLEXÕES SOBRE O MEME “NEGO FAZ TAL COISA”.....	37
REFLEXÕES SOBRE O USO DO REFERENCIAL “NEGO” COMO PARÂMETRO	
INDETERMINADOR DO SUJEITO .....	44
REFLEXÕES DE ATÉ ENTÃO (NUNCA FINAIS) .....	55
PERSPECTIVAS FUTURAS .....	59
REFERÊNCIAS .....	60
APÊNDICE I .....	65
APÊNDICE II.....	66
APÊNDICE III .....	67

## MEMORIAL

Meu nome é Dharana. Hoje, dia 29/09/2016, neste instante (mais ou menos) meu nome é Dharana há aproximadamente  segundos<sup>3</sup>.

Preciso aqui abrir um parêntese para comentar a evolução tecnológica das últimas décadas, pois, em 1985 ninguém imaginava que um dia teríamos acesso a tantos *gadgets*, internet, câmera, fotos digitais, Wi-Fi, *apps*, etc. e num *click*, bam! os segundos contados a partir de uma data e hora apareciam na tela, poderiam ser capturados com um software e virar imagem... e o site com a informação original da data continuaria, incansável a contar os segundos, um após o outro, e mostraria o resultado a qualquer usuário que fizesse uso do *link* original de acesso ou que eu, que não nasci em família rica, estaria em um laboratório de uma faculdade federal, na capital do país, escrevendo e editando este texto em um microcomputador pessoal conectado à “*World Wide Web*”, em uma plataforma online, enquanto ouço, no fone de ouvido, barulhos artificiais de chuva customizados em um sítio eletrônico (<[raining.fm/raindrops](http://raining.fm/raindrops)>) aberto em uma das vinte e cinco abas do *browser* e, quando não aguento mais olhar para esta folha branca com poucos caracteres escritos, posso simplesmente abrir a aba e é como se estivesse chovendo na minha janela). Sinto que a evolução tecnológica das últimas duas décadas modificou profundamente a nossa forma de estar no mundo.

Bom, já tem 31 anos e pouco mais de um mês que meu nome é **Dharana**. No entanto, meu nome nem sempre foi este. Durante os nove meses de vida intrauterina, eu **era/seria/me chamavam** de **Nicolai**. Minha mãe, paulista, estava no interior do Rio Grande do Sul, no meio dos anos 80 (sem comentários sobre o momento político da época pois não tenho estrutura psicológica e “a política não está favorecendo”<sup>4</sup>); não existia ultrassonografia, essas coisas. O pré-natal naquela época era analógico. Imagino o susto que minha mãe não deve ter tomado quando nasci: Nicolai é ~~ menina ~~<sup>5</sup>. Ela poderia ter mantido o nome de menino russo, por que não? Mas não foi o que aconteceu. Influenciada por Rudolph Steiner, ela preferiu ficar bem atenta e aberta aos sussurros dos anjinhos que iriam soprar meu nome no ouvido dela, a ~~ mãe ~~.

<sup>3</sup> Calculado usando o sítio eletrônico *Life Counter*. Disponível para consulta em <<http://bit.ly/2dvawev>>. Acesso em: 29 set. 2016.

<sup>4</sup> Referência a um trecho da música “Como é que eu vou dizer que acabou?”, de Clarice Falcão, comentando o momento político vivido no Brasil e no mundo em 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2dyBV3w>>. Acesso em: 29 set. 2016.

<sup>5</sup> Optamos por usar o sinal til (~) para dar ênfase a alguns termos da mesma forma que se faz na rede social *Twitter*.

Claro que ela também fez a parte dela, não ficou parada, foi bastante proativa e leu milhares (será?) de listas de nomes.

Só sei desta história porque, na terceira série, fiz aquele clássico (será?) trabalho sobre a origem do **próprio nome**, no qual os mestres solicitam que os alunos investiguem com a família como foi o processo de escolha do ~~ **seu** ~~ **nome**. Hoje, depois de tudo que vivi no curso de Letras e Pedagogia, suspeito que essa singela atividade de descobrir a origem do próprio nome desperte na criança a vontade de descobrir a sua própria origem e a convida a refletir (talvez pela primeira vez?) sobre sua forma de e o que significa estar no mundo; é desvelar a sua origem, a gênese. “Como eu vim a ser o que eu sou? ”. Há uma identificação tão profunda dos sujeitos com as palavras que os nomeiam (definem?) que, não à toa, é com essa palavra (para o sujeito, a mais importante do que todas as outras que existem e nomeiam todas as outras coisas que existem no mundo) que começamos o processo de alfabetização e letramento.

Enfim, nesse processo de fazer a tarefa de casa da terceira série (esta etapa na época ainda não se chamava quarto ano do Ensino Fundamental), minha mãe me mostrou a revista onde estava ~~ **o que veio a ser** ~~ meu nome. Havia na lista algumas outras palavras destacadas em amarelo neon, mas o coração dela escolheu Dharana. A propósito, a lista era um glossário de termos da Yoga. Dharana: meditação profunda, concentração pura. Desde então, “sou”, ou “tenho sido até agora” a condição que a mente humana atinge uns dois estágios antes do Nirvana.

É um nome diferente, forte, esquisito. Sempre foi diferente em todos os lugares por onde andei. É tão normal pedirem para eu repetir, depois balbuciam alguns fonemas tentando me imitar, que eu respondo “sim, é isso mesmo!” para qualquer coisa que conseguem produzir. Se eu perceber que estão falando comigo, atendo por qualquer nome que me chamem: *Dharrāna, Dainara, Danara, Dahara, Dandara, Dairāna, Darina*. Até *Guadalajara* e *Danada* já “virei”. Às vezes as pessoas fazem umas combinações de sons tão bonitas, tão inusitadas pra mim (quanto meu nome deve ser para elas) que eu respondo espontaneamente: “Nossa, que lindo esse nome! Amei! Não é o meu, mas poderia ser”.

Entre “ser” **Nicolai** e “me tornar” **Dharana**, passei quinze dias sem nome, sendo chamada de “**a bebê**”. Será talvez por isso que nunca dei bola para o nome que me chamam? Nunca me incomodou o fato de sempre, obrigatoriamente, ter que soletrar meu nome: **D-H-A-R-A-N-A**; ao que, confuso, meu interlocutor fazia uma cara estranha e perguntava “*Peraí, o H é entre o D e o A mesmo ou é depois do A? Tem dois erres? Como pronuncia mesmo seu nome?*”.

Talvez lá no fundo, num embrião de consciência, talvez lá dentro sempre tenha existido um saber intrínseco, uma sensação de saber por dentro que o nome não importa? Essa é ~~ minha ~~ experiência pessoal com ~~ meu próprio ~~ **nome**. Realmente nunca me importei com o nome que me chamam. A avó de um namorado chegou a me chamar de Luciene e Ariane e eu atendia normalmente: “sim, pois não?”.

Mas o **fato** é que o **nome** das pessoas e das coisas **importa** sim.

As palavras carregam História e histórias. As palavras têm história, peso e poder. Elas são nossa conexão com o passado; um pouco como as estrelas. A luz que vemos no céu a noite ~~ hoje ~~ está viajando milhares de quilômetros através do espaço durante milhares de anos (sendo que muitas vezes a fonte original não está mais lá, já morreu); assim, olhar as estrelas a noite é uma espécie de encontro imediato de primeiro grau com o passado da humanidade. Da mesma forma, a experiência de usar no ~~ presente ~~ uma língua que surgiu há milhares de anos e foi se modificando ao longo do tempo (e continua a se transformar, como elemento vivo que é) nos conecta de forma muito concreta (porém por vezes inconsciente) à origem das palavras, dos signos e tudo que aconteceu **entre** ~~ **o princípio** ~~ e ~~ **o agora** ~~.

As palavras têm peso e carregam no seu DNA tudo que aconteceu entre sua gênese e sua forma e usos atuais. A língua é fascinante e parte intrínseca da nossa condição de ser ~~ humano ~~ por todos os processos que ela facilita e promove já que a interação entre os seres humanos se dá prioritariamente por meio dela e, dessa interação entre si e com o meio os seres humanos produzem cultura. Alguns elementos dessa cultura produzida então retroalimenta o sistema e, por sua vez, modifica a língua em um processo contínuo. Assim, nascem gírias e vocábulos que conferem pertencimento a um grupo de falantes, por exemplo, ou jargões que conferem status e reserva de mercado a determinadas profissões; entre mil outros exemplos que poderiam ser citados aqui. É um tema tão complexo quanto fascinante.

Acredito que sermos humanos implica em existirmos em algum **lugar** no espaço (geográfico?), em um **tempo** (histórico (-cultural?)) e compartilharmos nossa existência com “**outros**”. Esta afirmação encontra acolhimento nas afirmações de Vigotski, trazidas por Góes (2000) sobre a relação do indivíduo com o mundo:

[...] As funções psicológicas emergem no plano das relações sociais, e o indivíduo se constrói a partir delas. Nesse sentido, Vigotski afirma que “nos tornamos nós mesmos através dos outros” (p. 56) e que “eu sou uma relação social de mim comigo mesmo” (p. 67) (VIGOTSKI, 1986, p.56; 67 *apud* GOES, 2000, p.121).

Vigotski pensou sobre isso em 1929 (56 anos de eu nascer), publicou suas ideias em 1986 (eu já tinha 1 ano de idade); e hoje, 82 anos depois de sua morte, estou debruçada sobre sua sabedoria, contemplando as possibilidades que plurais que afirmação “nos tornamos nós mesmos através dos outros” (VIGOTSKI, 1986, p.56; 67 *apud* GOES, 2000, p.121).

Na leitura de Silva (2014, p. 13), “Vigotski parte do princípio da unidade indissociável das pessoas com o mundo, suas relações materiais e sua historicidade produzida, desenvolvida e transformada na cultura. ”

Cheguei em Brasília ~~ pra morar ~~ no começo de 2002, mas já tinha visitado meu pai aqui algumas vezes nas férias. Apesar de alguns tropeços iniciais, Brasília abriu a janela do Brasil pra mim. Eu nunca tinha comido rabanada, tapioca, cuscuz de milho (só o paulista), cupuaçu, açaí, shimeji. Se a vida fosse mesmo justa, o açaí e o shimeji cada um teria um capítulo à parte neste memorial. Crescer em Brasília foi uma experiência singular e maravilhosa, apesar de tudo. Junto com essa nova explosão de sabores recém descobertos, vieram muitas experiências novas, pessoas diferentes, e vieram também “véi” e “**neguim**”. Lutei ~~ bravamente ~~ contra o “véi” durante vários anos e só uns seis anos depois fui incorporá-lo ao meu vocabulário (vencida pelo cansaço, derrotada, rendida), muito lentamente, aos poucos.

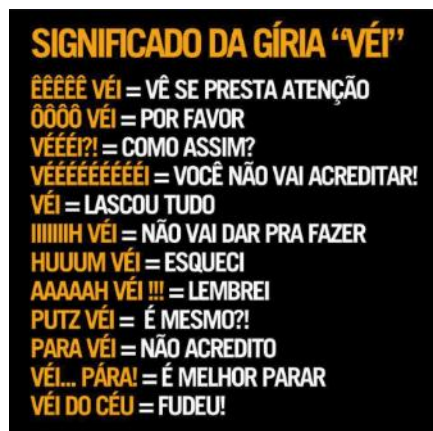


Figura 1: Réplica do “significado da gíria ‘véi’”. Disponível em: <<http://bit.ly/2dyh944>>. Acesso em: 29 set. 2016.

Por outro lado, “**neguim**” chegou sorrateiro e se instalou em meu vocabulário naturalmente, sem nenhuma reflexão mais profunda a respeito. Talvez eu já usasse essa expressão antes, mas a verdade é que não lembro. “Neguim” é f%da, “neguim” é folgado, “neguim” tá de brincadeira; em momento de sorte, “neguim” é massa, “neguim” é doido. Se uma pessoa que está aprendendo a língua portuguesa estranhar essa estratégia de indeterminação do sujeito e indagar “quem é esse neguim? ”, a resposta certamente será “ah, é **todo mundo**, é **qualquer um**”. No caso de o interlocutor for uma pessoa um pouco mais sensível a questões ligadas ao chamado “politicamente correto”, é muito provável que rapidamente tente consertar a resposta com “mas é qualquer pessoa mesmo, ~~ **não tem nada a ver com** ~~ **racismo**”.

Eu cresci (a partir dos 16 anos) em Brasília nos anos 00 (2K); cheguei aqui pouco depois do frenesi do **bug do milênio**. O **ICQ** (que eu já usava lá no interior do Rio Grande do Sul) estava em queda; e aqui em Brasília era todo mundo **ainda** viciado em **mIRC**. A interação do meu grupo social (que se expandia, e se interseccionava com outros) ocorria basicamente por essa plataforma de comunicação. Era a época do **Weblogger**, **Orkut**, **Fotolog**, **MSN Messenger**. Todas essas plataformas serviram como ferramentas relacionais entre as pessoas. Assim, pode-se dizer que serviram de meio para inúmeros processos educativos. A minha geração cresceu junto com o tempo que começou a passar mais rápido. Descrever as mudanças tecnológicas que ocorreram nos últimos vinte anos e como nosso *habitus* se modificou e afetou todo esse processo não é meu foco aqui, mas quero deixar claro que a minha **experiência temporal** se funde com toda essa mudança, esse ritmo acelerado. Nós vivemos hoje em um mundo que muda muito rápido e nossa percepção do tempo está cada vez mais encurtada. É como se não houvesse minutos suficientes no dia para chegar ao fim das listas de tarefas. Às vezes tenho a impressão de coexistir em

diversas realidades paralelas: cada rede social é uma dimensão separada. Além disso, somos inundados pelas realidades dos outros nas telas de nossos *smartphones* por meio de bits que vão ao espaço, viajam por cabos de fibra ótica embaixo dos oceanos, se propagam pelo ar (que loucura, não?) e depois viram, entre outras coisas, *posts* de *Tumblr*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *SnapChat*, *WhatsApp*, *4Square* (etc. ).

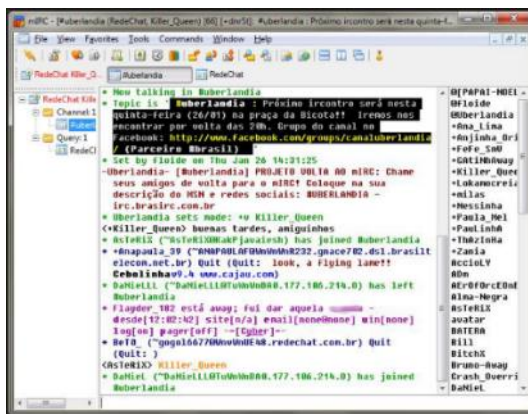


Figura 2: Réplica de uma tela do mIRC. Disponível em: <<http://bit.ly/2d9FIXN>>. Acesso em: 29 set. 2016.

Como já contei, “sempre” usei a “expressão” *neguinho* como estratégia de indeterminação do sujeito. Em 2008, uma fada muito paciente teve fé em mim e abriu meus olhos. O pior cego é aquele que não quer ver e eu, assim como todas as pessoas que eu já havia conhecido e convivido até então, **jurava** que **privilegio branco** e o **racismo não existiam** no Brasil. Em 2008, a UnB já havia aderido à política de ação afirmativa por meio das cotas para Negros e o debate estava a todo vapor. Eu tenho vergonha de contar essa história porque os argumentos que eu usei na época são os mesmos que eu vi inúmeras pessoas usando todas as vezes em que nossas discussões de sala de aula tangiam questões referentes à temática racial.

Ao longo do curso de Pedagogia, presenciei vários debates na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília “mediados” por professores completamente despreparados para lidar com o tema de forma transgressora, não conservadora. Um dos únicos professores que exerceu o papel de questionador dos conhecimentos prévios, conforme recomendado por Berutti e Marques (2009), foi, surpreendentemente, apenas a título de curiosidade, um homem branco.



A saber, “conhecimentos prévios são representações do mundo social que emanam do conhecimento prático, das vivências e daquilo que circula na sociedade como senso comum nos mais diferentes temas e acontecimentos” (BERUTTI e MARQUES, 2009, p.29).

Assim, Berutti e Marques (2009, p.30) recomendam que o professor não naturalize os conhecimentos prévios dos alunos, pois estes geralmente são fruto de informações manipuladas, veiculadas pela mídia, ou construídos sobre bases ideológicas que ferem o respeito ao outro como o machismo, o racismo, ou a homofobia, por exemplo.

Acerca da natureza dos preconceitos e estereótipos em geral, Berutti e Marques (2009, p.30, grifos nossos) nos alertam que

muitos preconceitos e estereótipos são nutridos socialmente a respeito de situações históricas conflituosas. Muitas das visões construídas, além de nutrirem preconceito e desigualdades, legitimam ações de discriminação e violência; podendo funcionar como verdadeiros obstáculos para novas aprendizagens. **Requerem, portanto, um trabalho cuidadoso de desconstrução e reconstrução de conceitos.** (BERUTTI e MARQUES, 2009, p.30, grifos nossos).

O que vi na maioria dos debates em sala de aula ao longo desta trajetória foi professores que não tinham a menor familiaridade com a temática racial (ou até mesmo bom senso, em algumas ocasiões). Dessa forma, os professores nada fizeram para questionar as visões construídas socialmente construídas dos alunos, permanecendo em suas próprias zonas de conforto, e, conseqüentemente, “inconsciente [espero que não] ou deliberadamente, perpetuando mitos e estereótipos da memória dominante” (FONSECA, 2010, p.35).

Bom, voltando a 2008. Em 2008, conheci a Lia e ela (a fada em questão), incomodada com a minha forma de falar, começou a compartilhar as vivências dela enquanto mulher Negra e me explicar (com toda a paciência do mundo) de que maneira o racismo influenciava a vida dela e das pessoas Negras no Brasil. Esse processo começou quando Lia Maria questionou porque eu usava o termo “neguinho”. Lembro de ter dito algo como “mas neguinho é qualquer um, é qualquer pessoa, não tem nada a ver com racismo”, ao que ela replicou “e branquinho?”. Após ficar muda por alguns momentos, “inocentemente” respondi: “ah, mas isso não é uma expressão”; seguido de “Mas será que você não está paranoica não? Porque eu não vejo nada disso acontecer”; “Tá cheio de branco pobre também, seria muito mais justo ter cotas sociais”; Hoje, toda vez que ouço esses comentários eu normalmente viro os olhos sem paciência. Lia foi, e tem sido desde de então, meu par mais competente neste caminho da (auto)educação das relações

étnico raciais, fazendo as vezes, até, de professora de História, pois ela cumpre o papel essencial de fazer “emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não têm direito à história, unindo os fios do presente e do passado, num processo ativo de desalienação” (FONSECA, 2010, p.35).

Eu, enquanto **sujeito histórico-cultural** que ~ se tornou ~ em 1985, experimentou, vivenciou, interferiu, interagiu, modificou e foi modificado pelas intensas mudanças tecnológicas do final do século XX e as consequentes repercussões na forma como as interações sociais foram modificadas por elas (e vice-versa, por que não?), percebo que nossas realidades estão fundidas e ao mesmo tempo fragmentadas em várias “esferas de realidade”: quem “somos” nas diferentes redes sociais, por exemplo. Acredito que as interações virtuais importam na medida em que estabelecem relações entre os sujeitos, as quais promovem experiências **reais e profundas**.

Torna-se oportuno aqui trazer a contribuição de Silva (2004) sobre as questões de identidade e diferença, pois este estudo se alinha com estas premissas expressas pelo autor.

[...] podemos fazer uma síntese, descrevendo **o que a identidade - tudo isso vale, igualmente, para a diferença - não é e o que a identidade é**. Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. **A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.** (SILVA, 2004, grifos nossos).

Enquanto mulher cisgênero, feminista, não-Negra, privilegiada, *branca*, acadêmica, latino-americana, LGBTQ, *twitteira*, artista e umbandista, entre tantas outras legendas que carrego na constituição de minha identidade, sinto a necessidade de falar. Preciso falar a respeito dos sentimentos e da catarse que o meme “nego faz tal coisa”, assim como as discussões que gerou (e as que silenciou) e o espaço é limitado.

A partir da leitura de Vigotski, entendo que sou ao mesmo tempo: sujeito, objeto e testemunha de minha própria realidade; e que minha humanidade se constitui a partir das relações de mim comigo mesma e com os outros, combinadas com processos educativos que ocorrem em todos os espaços, pois se dão a partir destas relações.

Assim, ao mesmo tempo em que usufruo de vários privilégios, sofro algumas violências simbólicas e materiais por causa de certas legendas que me representam, também contribuo para perpetuar o racismo de diferentes formas diariamente.

Levando em consideração também a função dos sistemas de representação e das relações de poder existentes na sociedade em que vivemos, não posso me conceder também o privilégio de ficar indiferente ao que vejo.

Desta forma, este trabalho se configura como um desabafo, uma forma de resistência, uma pequena batalha ganha em nossa luta diária, sedenta, resiliente, otimista e amorosa por “uma sociedade em que eu gostaria de viver” (hooks, 1995, p.11 *apud* DEUS, 2011 p.16).

## REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A TEMÁTICA RACIAL NO BRASIL

Falar de racismo ainda é tabu no Brasil. Este exercício reflexivo em si foi uma jornada de autoconhecimento, certa de que a pauta do racismo no Brasil me pertence e é tão minha quanto de todo o povo Negro. Empoderar-me desta verdade é um processo diário de construções, desconstruções, recomposições (entre tantos processos plurais de leitura, interação e transformação do mundo) e é com muito afeto que compartilho com meus pares *brancos*, contemporâneos e universitários estas reflexões.

A partir de um lugar de fala pessoal, é com muito cuidado e afeto que me aproximo da temática racial, galgando um espaço de reflexão sincero e respeitoso. Este respeito que sinto em relação à causa dos movimentos Negros implica que este espaço não é neutro, pois ser neutro em relação à educação das relações étnico-raciais no Brasil é compactuar com a permanência de um sistema de opressão que sistematicamente perpetua desigualdades, desumanidades, sofrimentos, mortes, violências físicas e simbólicas das mais distintas ordens diariamente.

Quanto ao referido lugar de fala, trata-se de um lugar de mulher (entre outras legendas), que, por ser mulher vivencia opressões de diferentes ordens; ao mesmo tempo em que é um lugar de pessoa *branca* (a melhor legenda) que, por sua vez, goza de diferentes privilégios em todas as esferas da vida.

Diante disto, transpondo o aporte que Gouvêa (2004) traz sobre a discussão do acesso de grupos historicamente discriminados ao ensino superior para interpretar a problemática da questão racial no Brasil como um todo, este exercício reflexivo aponta no sentido de apresentar algumas questões transversais que nos possibilitem acolher e respeitar as pautas trazidas por sujeitos Negros cada vez mais empoderados de sua causa.

Este exercício de reflexão apresenta-se como uma resposta chamado feito por Gouvêa (2004) quando a autora expressa que “**a elite intelectual brasileira, majoritariamente *branca*, inserida nas universidades, não pode fugir a essa questão**” (GOUVÊA, 2004, p.188 *apud* GOMES, 2004, grifos nossos).

Conforme mencionamos anteriormente, é sabido que o racismo no Brasil tem mecanismos muito peculiares, perversos e sofisticados de atuação. Neste sentido, Gomes (2005, p. 46) destaca que o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial, pois **se afirma através da sua própria negação**. A autora destaca que “vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta de forma muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece,

pois **o racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição**” (GOMES, 2005, p.46, grifos nossos).

Desta forma, este trabalho alicerça-se nas seguintes premissas expressas por Gomes (2005, p.46, grifos nossos):

a sociedade brasileira **sempre negou insistentemente a existência do racismo** e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de **profunda desigualdade** racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país. (GOMES, 2005, p.46, grifos nossos).

Assim, este ensaio apresenta-se como um diálogo reflexivo que se propõe fazer a crítica devida e necessária aos fatos aqui observados. As reflexões são trazidas em um formato de “bate-papo”, articulando teoria e exemplos práticos de forma dialogada com a intenção de proporcionar elementos para uma reflexão holística, trazer à atenção do interlocutor de forma fluida, porém com a intenção de expandir os conhecimentos teóricos e entrelaçá-los com a vivência prática do dia-a-dia. Esta opção metodológica é um convite ao leitor para mergulhar nestas questões e lançar um olhar sobre como ele próprio se relaciona com elas.

Desta forma, considerando que as redes sociais configuram espaços de caráter educativo, este trabalho se propõe a refletir sobre **de que forma os processos educativos das relações étnico-raciais acontecem nesses espaços**. Para tanto, este ensaio traz uma análise reflexiva dos discursos de pares Negros e não-Negros ao discutir o meme “nego faz tal coisa”. Um meme é entendido como “um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou posição, os quais são criados com consciência umas das outras, e circulam, imitam e/ou transformam-se na internet através de muitos usuários” (SHIFMAN, 2014, p. 41).

Apesar do meme estudado aparecer em inúmeras outras fontes sendo chamado apenas de “meme nego”, optei pela terminologia usada pela *digital influencer*<sup>6</sup> Joleana (@juzao) por entender que “**nego faz tal coisa**” permite identificar mais claramente o problema exposto.

Chamamos a atenção para o uso significativo “nego” como parâmetro indeterminador das orações que servem de base para as imagens que ilustram os memes com pessoas negras.

---

<sup>6</sup> De acordo com o sítio eletrônico *Techopedia*, *digital influencer* é o agente de influência digital, a qual pode ser entendida como “a habilidade de criar um efeito, mudar opiniões e comportamentos *online*. Influência digital é um fenômeno largamente derivado das redes sociais. Disponível em: <<http://bit.ly/1RcQind>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

Desta forma, analisamos o vídeo “Nego acha que é racismo”<sup>7</sup> (Canal Felipe Neto<sup>8</sup>), levando em consideração as colocações feitas por ele mesmo e pelo *Youtuber*<sup>9</sup> Daniel Mologni (Canal Você Sabia?<sup>10</sup>); comentários de usuários na página do vídeo; e interações de usuários da rede social *Twitter* em resposta à Joleana<sup>11</sup>, que, sentindo falta de uma reação sólida “da Internet”, perguntou aos seus seguidores: “não vai ter textão sobre o meme nego faz tal coisa?”.

O meu processo pessoal de tomada de consciência, que culminou com este trabalho, iniciou-se há mais de dez anos e está ainda longe de terminar. Todos os dias é necessário prestar atenção e não ficar indiferente às formas sutis e perversas que o racismo (assim como muitas outras opressões) se apresenta(m) em nossas relações.

Em alguns momentos comparamos (e contrastamos) Brasil e Estados Unidos porque são dois países que tiveram a escravização forçada de Negros como marca de seu período colonial e as consequências disto se perpetuam até hoje.

Dito isto, ilustramos a questão do racismo (nos Estados Unidos) com uma reflexão trazida pelo sítio eletrônico *Everyday Feminism*<sup>12</sup> em um *post* sobre racismo não intencional, afirmando que “existem coisas **socialmente condicionadas** que fazemos e falamos que não entendemos que seja ofensivo ou opressivo para nós — mas que são coisas absolutamente ofensivas e opressoras para tantas outras pessoas. E elas causam dor” (KYAIO, 2016, tradução e grifos nossos)<sup>13</sup>.

Kyaio (2016) nos convoca a observar nossas reações e tomar consciência das formas que estamos sendo racistas não intencionalmente e sugere um processo de autotransformação que culminaria em estabelecer uma mudança de paradigma na sociedade. Desta forma, este trabalho se alinha com as seguintes premissas expressas por Kyaio (2016):

Sem uma **consciência aguçada** destas respostas **socialmente condicionadas, não intencionais**, elas nunca cessarão. Chamar a atenção de nossos pares quando percebemos algo, observando estas respostas em nós mesmos, esta é **a responsabilidade do privilégio** [branco]. [estas respostas socialmente condicionadas] se mostram subversiva e

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1SFFAs4>> Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/felipeneto>>. Este canal do *Youtube* possui **7.452.085** inscritos.

<sup>9</sup> Indivíduos que compartilham vídeos em uma página pessoal da rede social *Youtube*, denominada “Canal”.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/vcsabiavideos>>. O canal possui **6.698.178** inscritos.

<sup>11</sup> JUZAO (juzao). “Não teve nenhum textão falando do meme “nego faz tal coisa”? ”. 27 de março de 2015. 7:26AM. Tweet. Nota da autora: referência redigida conforme orientação da MLA (*Modern Language Association*), segundo o sítio eletrônico “The Atlantic”. Disponível em: <<http://theatlantic.com/2fWijlz>>. Acesso em: 24 out. 2016.

<sup>12</sup> Disponível em <<http://everydayfeminism.com>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

<sup>13</sup> Texto original: “This is the idea of unintentional racism: there are socially conditioned things we do and say that don’t register as offensive or oppressive to us — but they absolutely are to so many others. And they cause harm.” Disponível em: <<http://bit.ly/2gTCDGk>>. Acesso em: 03 set. 2016.

insidiosamente envolvidas em frases como “Todas as Pessoas Importam” [#AllLivesMatter em contraste com #BlackLivesMatter] e “Por que não temos um “Mês da Consciência Branca” [em contraste ao *Black History Month*]. [estas respostas socialmente condicionadas] existem em nossa língua que usa **preto como uma palavra descritiva de coisas ruins e assustadoras e que depois é usada para descrever um “tom” [de pele] de pessoas.** [...] Isto quer dizer que **o racismo não tem a ver com intencionalidade.** Eu posso ser [uma pessoa] racista, [uma pessoa] racista que apoia o sistema [opressor] de forma não intencional. [...]

Toda opressão, incluindo o racismo, requer um SISTEMA (*sic*) de desequilíbrio que dá a um determinado grupo benefícios e glória pelo simples fato de pertencerem ao grupo em questão. **Como uma pessoa que experimenta o privilégio branco, existem suposições automaticamente feitas sobre mim e para mim.** [...] Por mais que a retórica social tenha mudado e começado a englobar a responsabilidade social da equidade, **os sistemas não mudaram.** As regras, os ideais, e mecanismos continuam a seguir modelos que refletem valores brancos e colonizados. É ASSIM (*sic*) que meu privilégio branco me permite continuar a perpetuar o trauma e opressão sem em nenhum momento ter a intenção disso. Assim, é crucial aguçar nossa consciência para entender que **o racismo tem menos a ver com o indivíduo e mais a ver com o sistema** e o impacto — **independentemente da intenção.** (KYAIO, 2016, tradução e grifos nossos)<sup>14</sup>.

Neste sentido, fizemos neste trabalho a opção metodológica exposta por Deus (2011, p.15), e explicitamos que “grande parte da bibliografia apresentada responde a uma opção política de incluir maioritariamente intelectos Negros e femininos” por acreditar que a produção teórica e científica destas mulheres Negras está inevitavelmente e intrinsecamente imbuída de suas vivências. Este estudo nutre-se da teoria produzida por bell hooks, Maria Aparecida da Silva Bento, Nilma Lino Gomes, Sylvia da Silveira Nunes, Grada Kilomba e Lia Maria dos Santos de Deus.

Antes de apresentarmos nossas reflexões, trazemos a célebre analogia da faca enfiada nas costas feita por Malcom X<sup>15</sup> para servir pano de fundo de toda a discussão, pois dá o tom desta análise. O contexto da citação é uma entrevista a um jornalista *branco* em um programa de televisão em março de 1964 criticando o “progresso” do movimento *mainstream* de Direitos

<sup>14</sup> Texto original: “Without a raised awareness of those unintentional, socially conditioned responses, they never stop. Calling each other on it, catching it in ourselves, that’s the responsibility of privilege. It’s wrapped subversively and insidiously in phrases like “All People Matter” and “Why don’t we have White History Month?” It’s in our language that uses black as a descriptive word of bad and scary things that is then used to describe a shade of people. [...] That means racism isn’t about intentionality. I can be unintentionally racist. I can be a racist, an unintentional-system-supporting racist. [...] All oppression, including racism, requires a SYSTEM of imbalance that gives one group benefits and glory solely based on belonging to that group. As a person who experiences white privilege, there are automatic assumptions made about me and for me. [...] While the social rhetoric has altered to begin to take on social responsibility of equity, the systems have not changed. The rules, ideals, and mechanisms continue to follow the models that reflect colonized, white values. THIS is how my white privilege allows me to continue the trauma and oppression without ever meaning to. It is critical, then, to raise our awareness, to understand that racism is less about the individual and more about the system and the impact — regardless of the intention...” Disponível em: <<http://bit.ly/2gTCDGk>>. Acesso em: 03 set. 2016.

<sup>15</sup> Biografia do ativista Malcom X disponível em <<http://bit.ly/2gBs5Ku>>. Acesso em: 01 nov. 2016

Civis. Optamos por expor aqui nossa transcrição do vídeo do trecho da entrevista<sup>16</sup> em que ele aborda esta questão, trazendo nossos comentários sobre a interação entre o entrevistador (*branco*) e o entrevistado (Negro) numa tentativa de expor as sutilezas das relações de poder em ação.

Eu **nunca** vou dizer que progresso está sendo feito. Se você enfiar uma faca e faz uma ferida com 23cm de profundidade e depois puxar a faca para fora 16cm, não há progresso. [entrevistador começa a falar palavras abafadas]. **Se você tirar a faca \*toda\*: ISSO NÃO É PROGRESSO.** Progresso é curar a ferida que o esfaqueamento causou, que o esfaqueamento causou. E eles ainda não começaram a tirar a faca da ferida, muito menos curar a ferida [entrevistador aumenta o tom de voz e tenta interromper, mas Malcom X continua]. **Eles nem admitem que a faca está lá.** [entrevistador ri nervoso, Malcom X abre um sorriso maravilhoso quando termina de falar; entrevistador dá prosseguimento fazendo outra pergunta; fim do trecho] (MALCOM X em entrevista, transcrição, tradução e grifos nossos<sup>17</sup>).

Se observarmos com mais atenção, o entrevistador *branco* deixa transparecer seu desconforto ao ouvir certas coisas e tenta continuamente silenciar o entrevistado.

A ferida que ele menciona é a escravidão<sup>18</sup>, definida por Laura Brace (2004) como “um sistema legal ou econômico no qual princípios de direito de propriedade se aplicam a humanos, permitindo que humanos sejam classificados como propriedade”. No mesmo ano, em 1964, o sociólogo Florestan Fernandes, que analisou o papel do Negro na sociedade de classes no Brasil, elaborou a seguinte reflexão sobre a escravidão:

A escravidão deformou o seu agente de trabalho, impedindo que o negro e o mulato tivessem plenas possibilidade de colher os frutos da universalização do trabalho livre em condições de forte competição imediata com outros agentes humanos. (FERNANDES, 1964, p.52 *apud* DEUS, p.20)

<sup>16</sup> Entrevista disponível em: <<https://youtu.be/cReCQE8B5nYv>>. Acesso em: 01 nov. 2016

<sup>17</sup> Transcrição do áudio original: “*I will never say that progress is being made. If you stick a knife in my back nine inches and pull it out six inches, there's no progress [interviewer starts to mumble]. If you pull it \* all \* the way out: THAT'S NOT PROGRESS. The progress is healing the wound that the blow, that the blow made. And they haven't begun to pull the knife out, much less heal the wound. [interviewer raises voice and starts to try to interrupt, but Malcom X goes on]. They won't even admit that the knife is there [interviewer laughs, Malcom X flashes that smile after he's done speaking; interviewer proceeds to ask question]*” (transcrição, tradução, comentários e grifos nossos).

<sup>18</sup> Definição trazida pela enciclopédia colaborativa Wikipédia: “Escravidão é um sistema legal ou econômico no qual princípios de direito de propriedade se aplicam a humanos, permitindo que humanos sejam classificados como propriedade. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Slavery>>. Acesso em: 01 dez. 2016. Referência: BRACE, Laura. *The Politics of Property: Labour, Freedom and Belonging*. Edinburgh University Press. pp. 162–. ISBN 978-0-7486-1535-3. 2004. Retrieved May 31, 2012.



Disto podemos concluir que a escravidão deixou feridas que se perpetuam até hoje; e que faltou aos Negros acesso às mesmas condições de competição que os *brancos*, e o tráfico ilegal continuou por muitos anos.

Sabe-se que após mais de 300 anos de escravidão Negra, o Brasil foi o último país do mundo a eliminar legalmente a escravidão, há (cerca de) 128 anos. Porém, sabe-se também que o tráfico ilegal se estendeu ainda por vários anos. Portanto, pode-se concluir que os efeitos nefastos deste período da história da humanidade, em especial no Brasil, para onde foram trazidos à força mais de 5 milhões de Negros, se fazem presentes até hoje em nossa vida cotidiana, tanto de forma explícita como de maneiras gradativamente mais sutis.

Somada à chaga da escravidão, durante algumas décadas, o Brasil incentivou a vinda de estrangeiros europeus (*brancos*) por meio de políticas públicas que visavam o embranquecimento intencional da população, uma vez que a Negritude era vista como um problema a ser superado.

Diante disto, Lippold (2008) aponta que “a ideologia da democracia racial é uma tentativa de ocultar a contradição entre *brancos* ricos e Negros pobres, advinda da escravidão”. O autor afirma ainda que “o poder da ideologia consiste em ocultar as contradições de base material da sociedade, no nosso caso, ocultar o racismo brasileiro”. Ao se desvincular a história da população Negra da história oficial do Brasil, desvincula-se também a própria condição humana e cidadã de parte da população brasileira do contexto histórico em que estão inseridos. Faz-se necessário dialogar de maneira informada e honesta sobre esta temática.

Partindo da premissa exposta por Nunes (2010, p.50) de que o preconceito racial se encontra arraigado, a solução proposta por Munanga (1996) para superação do racismo no Brasil é que antes assumamos que ele existe, que a faca está lá.

Neste sentido, Nunes (2010, p.50) aponta que:

Para Munanga (1996), **o caminho para a superação do racismo no Brasil é, em um primeiro momento, o reconhecimento de que ele existe.** Para, então, possibilitar uma luta contra as práticas discriminatórias que passam pela representação institucional dos discriminados. **Sem essa "confissão" de existência do racismo, fica ainda mais complicada a luta pelos direitos: vai se lutar contra o quê, se o problema não existe?** (MUNANGA, 1996, *apud* NUNES, 2010, p.50)

Em uma reportagem intitulada “Brasil reconheceu a História da Escravidão na abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016”<sup>19</sup>, do sítio eletrônico *The Mic*<sup>20</sup> (O microfone, em português), um jornalista estrangeiro afirma que “racismo e colorismo<sup>21</sup> intensos fazem com que brasileiros negros enfrentem intensa discriminação e violência anti-negro” (RODRIGUEZ, 2016).

Enquanto racismo é um sistema de opressão que dá ao grupo dominante (branco) benefícios por pertencerem ao grupo dominante, entendemos o colorismo como “sistema de privilégios de pertencimento” aos não-brancos baseado na cor de sua pele, onde os mais embranquecidos sofrem menos preconceitos.

Finalmente, parece que talvez o mito da democracia racial, legado de Gilberto Freyre (1933), dá sinais de que está começando a ser desconstruído lá fora. Este mito refere-se à noção equivocada de que no Brasil não há tensões raciais por causa da miscigenação da população. Até pouco tempo atrás, o mundo celebrava o Brasil como paraíso da miscigenação, onde todos conviviam em harmonia, sem nenhuma tensão de ordem racial. No entanto, nos últimos anos a imprensa internacional tem olhado para o Brasil mais de perto, e temas anteriormente invisibilizados têm ganhado cada vez mais destaque, acompanhado de uma crítica social surpreendentemente adequada.

No entanto, a crítica de Bento (2013) continua válida, ao citar Carlos Hasenbalg (1979) definindo a questão central do mito da democracia racial: “a **negação do preconceito** e da **discriminação**, a **isenção** do branco e a **culpabilização** dos negros” (HASENBALG, 1979 *apud* BENTO, 2013, grifos nossos).

Em vista das reflexões apresentadas, este ensaio é uma tentativa de indicar que a faca está sim lá, ainda hoje, cinquenta e dois anos depois. Convido meus pares a olhar para nossa resistência em reconhecer que a faca está lá e a ferida, sangrando todos os dias. O sangue que escorre desta ferida até hoje tem a cor bem marcada: **preta**. A seguir, trazemos alguns dados que demonstram a continuidade da desigualdade entre Negros e *brancos* na sociedade brasileira.

<sup>19</sup> RODRIGUEZ, Matthew. “Brazil Acknowledged History of Slavery in the Rio 2016 Opening Ceremony”. 06 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2hwefdO>>. Acesso em: 28 out. 2016.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://mic.com>>

<sup>21</sup> Definição trazida pela enciclopédia colaborativa *Wikipédia*: “discriminação baseada na cor da pele”. Referência: WALKER, Alice. “If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?”. *In Search of Our Mothers' Gardens*. 290: 290–91. 1892.

O Grupo Geledés<sup>22</sup>, em matéria intitulada “Mortes de mulheres Negras aumentam 54% em dez anos”<sup>23</sup> traz vários alertas sobre a diferença nas estatísticas entre sujeitos Negros e *brancos*. A coordenadora do Nzinga, Benilda Regina Paiva Brito nos lembra que “[...] Se você é **preto e pardo** e tem entre **15 e 29 anos**, a sua chance de **ser assassinado** no Brasil **aumenta 147%**. Treze mulheres morrem assassinadas por dia no País. ”.

O Mapa da Violência, divulgado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, mostra que a morte de mulheres *brancas* por violência diminuiu 10% entre 2003 e 2013, enquanto a morte de mulheres Negras aumentou 54% (WAISELFISZ, 2016). Segundo o mesmo documento, “**ainda mais perversa** e preocupante é a **seletividade racial** dos homicídios por arma de fogo, além de sua tendência crescente. [...] A vitimização Negra do país, que em 2003 era de 71,7%, [...] em 2014, já é de 158,9%, ou seja, **morrem 2,6 vezes mais Negros que brancos vitimados por arma de fogo**” (WAISELFISZ, 2016, grifos nossos).

**Sujeitos Negros morrem 2,6 vezes mais** vitimados por arma de fogo do que seus pares brancos e, sabidamente, a violência policial é a maior causa de morte da juventude Negra no Brasil. A respeito do assassinato da população Negra, Cleide Hilda de Lima Souza, subsecretária de Estado de Promoção da Igualdade Racial de Minas Gerais, afirma que “**diariamente, a polícia mata um avião de jovens Negros**. É um **racismo disfarçado** de questão estrutural. O Governo Federal não fará nada por nós. Os primeiros ministérios que acabaram foram o nosso e o das mulheres”.

Acerca do racismo, Nunes (2010, p.50) aponta que o racismo e o preconceito racial estão arraigados na sociedade brasileira devido ao histórico de escravidão, como exposto a seguir:

O preconceito contra negros e mestiços pelo desenvolvimento dos fatos históricos (o culturalismo, o pós-guerra etc.) não é mais tão claramente como assumido no começo do século passado, mas não deixou de existir. Hoje, embora exista a sutileza na discriminação, podemos encontrar também situações em que o racismo deixa de ser sutil e a violência corre a céu aberto. **Ambos os tipos de racismo nos mostram que somos uma sociedade com um longo e profundo histórico de escravidão cujo preconceito racial se encontra arraigado.** (NUNES, 2010, p.50, grifos nossos)

Podemos apreender da fala dela a dimensão da vulnerabilidade da população Negra, indígena, quilombola e das mulheres, tendo em vista que muitos direitos sociais conquistados ao

<sup>22</sup> Disponível em: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br).

<sup>23</sup> A matéria obteve mais de 14 mil compartilhamentos no Facebook. “Mortes de mulheres negras aumentam 54% em dez anos”. 26 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2h1IngA>> Acesso em: 08 nov. 2016.

longo de décadas de resistência e luta foram retirados repentinamente em 2016, o que mostra que não estavam ainda consolidados em nossa sociedade.



Figura 3: Ilustrações de Valentina Fraiz, Vozes da Igualdade; na página do Anis - Instituto de Bioética (@AnisBioetica, no Facebook). Disponível em: <<http://bit.ly/2hrkbVS>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

Diante da naturalização dos elementos sofisticados de atuação do racismo no Brasil e as variadas formas de opressão das identidades e subjetividades dos sujeitos Negros, lembramos que, segundo Judith Butler (2008 *apud* RIBEIRO *et. al.*, 2011, p. 101),

A reiteração de determinado discurso tem o objetivo de materializá-lo, ou seja, representá-lo como possível, como um dado objetivo existente no contexto social. Esta compreensão naturalizada de algo que foi produzido culturalmente através de discursos é internalizada pelos sujeitos e atuam na fabricação de corpos, gêneros, sexualidades, raças, etnias, religiões e classes sociais atendentes aos pressupostos enunciados. **Assim, a repetição de determinado discurso permite com que ele exerça alguns “efeitos de verdade” no processo de constituição de subjetividades.** (BUTLER, 2008 *apud* RIBEIRO *et. al.*, 2011, p. 101).

Finalmente, é necessário fazer duas últimas considerações para acerca da questão da cor. Uma consideração sobre o *branco* e outra sobre o *preto*.

Acerca da condição de estar no mundo como pessoa Negra, Deus (2011, p.18) nos adverte que “é preciso conceber o racismo institucional como reflexo de práticas racistas interiorizadas na

esfera individual o racismo individual, pois, é em nossos corpos e mente que se manifestarão, primeiramente, estes conceitos”. Segundo a leitura de Fanon (1973) de acordo com Deus (2011):

[...] o homem negro não é um homem, é um homem negro (substituamos por pessoas): **a pessoa, enquanto pessoa negra, não é pessoa, é pessoa negra; pois essa teve sua humanidade roubada a favor de uma dita "superioridade dos homens brancos."** Ainda parafraseando o autor, cabe colocar que o negro, além de ter que vestir o que o branco lhe impôs, é cercado de estereótipos presentes em livros, filmes sobre aquilo **que se entende como ser negro, estereótipos que alimentam o desejo de não ser negro, homem negro ou mulher negra.** (FANON, 1973 *apud* DEUS, 2011, p.18, grifos nossos).

Para dialogar com a realidade brasileira atual, trazemos aqui algumas considerações da autora Grada Kilomba (2016) feitas em entrevista a Djamila Ribeiro, no portal Carta Capital<sup>24</sup>. Na matéria, intitulada “O racismo é uma problemática branca”, ela denuncia que “*branco* não é uma cor, é uma afirmação política, assim como Negro ou Black. **Representa uma história de privilégios, escravidão, colonialismo, uma realidade cotidiana.** A mudança começa pela autodefinição e a importância disso.”. Segundo ela,

é necessário desmistificar essa hierarquia. [...] As pessoas *brancas* não se veem como brancas, se veem como pessoas. E é exatamente essa equação, “**sou branca e por isso sou uma pessoa**” e esse ser pessoa é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo. E essa centralidade do homem branco não é marcada. E o que esses movimentos como o *Critical Whiteness*<sup>25</sup> e o que eu faço no meu trabalho, é justamente começar a marcar. (KILOMBA, 2016, grifos nossos)

Este estudo teve como campo principal de observação as redes sociais *Twitter* e *Youtube* por causa do alcance de exposição e captação de influência dos *posts*<sup>26</sup>, assim como pela facilidade em resgatar conteúdo o gerado pelos usuários (*posts*) por meio de ferramentas de pesquisa e análise.

Diante do exposto, faz-se uma análise reflexiva sobre os elementos sofisticados de atuação do racismo no Brasil tendo as redes sociais, que se constituem também, na atualidade, como um locus de caráter educativo.

<sup>24</sup> Entrevista concedida à colunista Djamila Ribeiro. “O racismo é uma problemática branca, diz Grada Kilomba”. 30 de março de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2hPs3zw>> Acesso em: 01 dez. 2016.

<sup>25</sup> Segundo o sítio eletrônico da *Oxford Research Encyclopedias*, “‘*Critical Whiteness Studies* (CWS)’ é um campo crescente de estudos cujo objetivo é revelar as estruturas invisíveis que produzem e reproduzem a supremacia e o privilégio brancos. CWS presume uma concepção de racismo que está conectada ao conceito de supremacia branca.” Disponível em: <<http://bit.ly/2hnHkYS>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

<sup>26</sup> Postagens feitas em ambiente digital.

Assim, nestas reflexões iniciais procurei expor algumas questões básicas sobre o racismo.

Portanto, neste estudo, analisarei como os discursos de ideologia racial aparecem nas redes sociais, entendendo os *posts* como elementos de mídias sociais, e, portanto, textos midiáticos. Cabe explicitar que adotamos aqui uma motivação de escolha similar a Costa (2012), compreendendo que “textos midiáticos são palco onde se legitimam verdades, em que se autorizam ações.”.

## AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS

No entendimento de Vigotski, “a educação surge como o mais vasto problema do mundo, isto é, o problema da vida como criação” (VIGOTSKI, 2003, p. 302 *apud* PEQUENO, 2014, p.126).

Na leitura de Pequeno (2014, p.126) acerca do tema da criação problematizado por Vigotski, o autor traz a seguinte reflexão:

Na criação todo o acúmulo de experiências que é proporcionado à humanidade em seus diversos contextos é material para que se crie. Corresponde à maneira com que proporcionamos experiências a nós, aos outros e a novas gerações. Existe ainda o processo ímpar, singular, em que acontecem novas sínteses. Nele, por sua vez, se insere a responsabilidade das pessoas de transformação do mundo através daquilo que criam. (VIGOTSKI, 2003, p. 302 *apud* PEQUENO, 2014, p.126).

De acordo com o autor, somos seres sociais e nos constituímos em nossa humanidade nas relações humanas, ou seja, nosso desenvolvimento acontece na cultura e a educação acontece em todos os espaços. Por conseguinte, temos o mesmo entendimento de educação que Oliveira (2009, p.22), de que ela é um “processo de humanização que se dá através da socialização e da cultura.” Concordamos também com quando afirma que “no processo de formação humana, nos contextos históricos e nas relações sociais, políticas e culturais, nós nos educamos e participamos de processos humanizadores e desumanizadores, educativos e deseducativos.” (OLIVEIRA, 2009, p.22).

Certa vez um superior me disse que “o poder ocupa os espaços vazios”. Em vista da crise política e moral que o Brasil atravessa no momento, em que diariamente a população é destituída, despida de direitos sociais conquistados por meio de muita luta.

Diante deste cenário, as redes sociais se configuram cada vez mais como espaços de ocupação, resistência e ativismo. Galgar representatividade nestes espaços é fundamental, pois, como afirma Kilomba (2010, p.37) “temos que criar papéis fora da ordem colonial”. Segundo ela, “isto é o que Malcom X chamou de ‘decolonizar nossas mentes e imaginações’; aprender a pensar e ver tudo com ‘novos olhos’, para poder entrar na luta como sujeitos e não como objetos”.

Abrimos um parêntese na discussão para frisar aqui a dimensão da teoria histórico-cultural, pois a afirmação acima é fruto da interpretação da autora de uma interpretação de bell hooks acerca da teoria de Paulo Freire. Não é engraçado que uma pesquisadora brasileira, não-

Negra, no Brasil, esteja se apropriando da Pedagogia do Oprimido por meio de interpretações singulares feitas desta teoria por mulheres Negras (incríveis) estrangeiras? Talvez isto ilustre um pouco a teoria histórico-cultural e coloque a dimensão do afeto em perspectiva.

No sentido de ilustrar como a materialização de papéis fora da ordem colonial, a seguir, apresentamos três perfis, um do *Youtube* e dois do *Twitter*, que estabelecem ordens diversas à colonial. As pessoas envolvidas com os perfis apresentados têm uma bagagem teórica que transparece em seus posts, pois explicam conceitos teóricos de forma simples e dialogam com exemplos da vida real com muito bom humor.

### NO TWITTER, @BRANCOS FEIOS

O perfil **brancos feios** (@brancosfeios) existe desde setembro de 2014, mesmo ano do episódio de racismo explícito contra o jogador Daniel Alves e, em sequência, um movimento criado pelo apresentador Luciano Huck que ficou conhecido como “hashtag somos todos macacos” (#somostodosmacacos).

Desde então, o perfil vem conseguindo cada vez mais seguidores. Até 12 de dezembro de 2016, esta arroba era seguida por 8.734 usuários. Esta arroba prima por expor contradições entre o ideário racista existente no imaginário popular e como essas discriminações, violências e preconceitos tomam forma no mundo concreto.

A própria *bio*<sup>27</sup> do perfil já avisa “perfil dedicado aos que todo mundo acha bonito só porque é branco, mas na verdade são FEIOS (*sic*)”. De forma muito bem-humorada, os *tweets* do perfil @brancosfeios nos ajudam a entender os mecanismos pelos quais o projeto de branqueamento funciona e a quem ele serve. Assim, este perfil constantemente denuncia as construções sociais, principalmente relacionadas ao conceito de beleza, que são ditas neutras, porém servem a um ideal de branquitude.

---

<sup>27</sup> Descrição da página feita pelo autor.





Figura 4: Montagem feita pela autora com réplica de *prints* do perfil @brancosfeios; seu *pinned tweet*; e uma postagem que exemplifica a maneira que o humor é usado para denunciar o projeto de branqueamento. Disponível em: <[twitter.com/brancosfeios](https://twitter.com/brancosfeios)>. Acesso em: 12 dez. 2016.

## E @BRANCOS IGUAIS

O perfil **brancos iguais** (@brancosiguais) está em uma onda de ascensão. Criado em julho desse ano, o perfil já cativou 3.340 seguidores (até 12 de dezembro de 2016; 84 usuários a mais que 3 dias antes; aumento de 2,5%). Cada *tweet* expõe uma contradição entre algum elemento racista presente em alguma situação (ou discursos) e como as questões raciais se materializam no mundo concreto.

Este perfil utiliza um avatar<sup>28</sup> que traz a foto de dois rostos de sujeitos *brancos* jovens (celebridades do mundo *teen pop*) que se encaixam quase imperceptivelmente, como se pertencessem à uma só pessoa. O perfil @brancosiguais traz a seguinte descrição de si: “**perfil dedicado aos autores do somos todos iguais**”. A *bio* deste perfil é muito precisa, pois os *posts* são intencionalmente pensados para provocar a reflexão do interlocutor sobre os pressupostos racistas naturalizados em nossa sociedade.

<sup>28</sup> Chama-se *avatar* a “foto do perfil”



Figura 5: Montagem feita pela autora com réplicas de *prints* do perfil @brancosiguais; seu *pinned tweet*; e uma postagem que exemplifica a maneira que o humor é usado para denunciar a ideologia do branqueamento. Disponível em: <twitter.com/brancosiguais>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Esta arroba (@), como são chamados os usuários desta rede social, questiona nossos conhecimentos prévios e representações imagéticas subjetivas trazendo fotos que ilustram como os pressupostos de poder de branquitude se materializam. Por conseguinte, esta arruma mostra que há vários espaços (restaurantes, shoppings, shows por exemplo) que Negros “não frequentam”. A Figura 6 mostra dois tweets. Em um deles, somos levados a refletir “Por que só há ‘brancos iguais’ neste estádio? Seria apenas uma questão econômica ou há algo por trás dessa “inexistência” de Negros nesses espaços? Por que não há nenhuma mulher, pessoa Negra ou com deficiência entre estes políticos? É expondo a contradição que este perfil revela, com muito humor, as várias formas de racismo que permeiam as relações.

Note que, apesar de jovem (o perfil existe há apenas alguns meses), esta arroba é bastante influente: a comparação entre Donald Trump e Jair Bolosnaro obteve 1.8 mil compartilhamentos (chamados Re-Tweets, ou RTs), quase 700 *likes* até agora. Todos os *tweets* têm tido uma aceitação boa, por exemplo, os *posts* mostrados aqui tiveram cerca de 400 RTs e 200 *likes*.



Figura 6: Montagem feita pela autora com dois *tweets* do perfil @brancosiguais. O primeiro mostra um estádio cheio de pessoas brancas (parecem estrangeiros) e o segundo mostra uma delegação de ministros do governo Temer, composta apenas por homens-*cis* brancos, supostamente heterossexuais. Acesso em: 12 dez. 2016.

Por mais que possamos elaborar teoricamente sobre o tema, “uma imagem vale mais do que mil palavras” e este perfil nos mostra o nosso cinismo, nossas contradições, com muita sagacidade.

## NO YOUTUBE, CANAL PAPO DE PRETA

Criado em setembro de 2015, o Canal cumpre o que promete na *bio*, a saber: “O canal Papo de Preta existe para dar vez e voz a mulher negra! Cultura pop, cotidiano, beleza, sociedade. Tudo comentado com o olhar de duas mulheres negras. Representatividade! Isto define nosso canal.”

Com 10.989 inscritos e um total de 252.033 visualizações, o **Canal Papo de Preta**<sup>29</sup> está em processo de ascensão. Em cada vídeo, Maristela Rosa e Natália Romualdo se superam a cada vídeo, comentando episódio recentes e articulando as questões que surgem da análise da situação com um aporte teórico sólido.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/28PzibD>> Acesso em: 10 abr. 2016.



Figura 7: *Print* da página do vídeo intitulado “Sobre Caio (namorado da Jout Jout) e Neymar Jr”, em que Natália Romualdo e Maristela Rosa comentam episódios recentes, trazendo uma reflexão crítica. Disponível em: <<https://youtu.be/VtHANvaunog>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

As jornalistas, formadas pela UFMG, se posicionam criticamente a respeito da realidade e acolhem as realidades e as verdades de vários grupos de sujeitos. Elas apresentam sua vivência enquanto mulheres negras e revelam o racismo diário que sofrem e como elas lidam com isso. A partir de uma base teórica consolidada, o Canal discute questões raciais e de gênero de forma franca, incentivando os interlocutores a refletir criticamente.

## REFLEXÕES SOBRE O MEME “NEGO FAZ TAL COISA”

O meme “nego faz tal coisa” circulou principalmente por grupos de WhatsApp durante o mês de março de 2015. Na época, eu salvei várias imagens e, depois de iniciar esta pesquisa, encontrei mais de 300 variações do meme, as quais suscitam as mais variadas reações.

Na época, lembro que uma professora comentou que iria “processar”, pois ficou revoltada a ver as imagens. No entanto, o conceito de autoria não se aplica no caso dos memes um meme é “uma gama de réplicas paródicas, no qual um Lelemento se repete.” (HORTA, 2015, p.126).

Diante do exposto, concluímos que é impossível localizar um autor específico no caso do meme, pois ele é fruto de “uma criação coletiva, formada por inúmeros atos de invenção individual.” (HORTA, 2015, p.126). Assim, Shifman (2014, p.41) define meme de internet como “um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou posição, os quais são criados com consciência umas das outras, e circulam, imitam e/ou transformam-se na internet através de muitos usuários”. No meme “nego faz tal coisa” o que padrão que se repete é o uso de orações com o sujeito indeterminado por meio do significante “nego”, acompanhado de uma imagem de uma pessoa negra em um contexto que ilustra o significado da oração que acompanha a imagem.

Ainda segundo Horta (2015, p. 57), o meme pode ser entendido como uma cultura ou como um espaço semiótico próprio, uma semiosfera que, possibilitado pelas interações na internet, “está entendida como extensão da consciência.”. A autora problematiza esta questão, trazendo as seguintes considerações sobre a relação entre semiótica, cultura e linguagem:

No entanto, a ideia de que há um espaço semiótico que precede a linguagem poderia soar como um paradoxo, uma vez que, se a linguagem é cultura, como poderia a cultura preceder a linguagem? O paradoxo, no entanto, não chega a configurar uma contradição, se entendemos que a cultura cria e é criada pela cultura (NÖTH, 2007, p. 92), a cultura depende de processos como a comunicação, a semiose e a linguagem para sobreviver, também existindo apenas a partir deles (RAMOS *et al.*, 2007, p.35), podemos vislumbrar, desse modo, **a relação de cultura e linguagem como um organismo que se retroalimenta.** (NÖTH, 2007, p.92; RAMOS *et. al.*, 2007 p.35 *apud* HORTA, 2015, p.57).

Ao entendermos o meme como uma cultura e um espaço semiótico, podemos relacionar este fenômeno com a leitura feita por Pederiva e Tunes (2010, p.16) da lei da realidade emocional

de Vigotski (2010 *apud* PEDERIVA & TUNES, 2010, p.16), a qual postula que tudo o que sentimos é real, pois tem um caráter de realidade sentida, conforme apresentado a seguir:

Vigotski (2010) aponta a lei da realidade emocional, que consiste na realidade da emoção vinculada à arte. **Tudo o que sentimos sempre é real.** Em um conto de fadas, por exemplo, todas as emoções vinculadas a ela tem esse caráter de realidade sentida. (VIGOTSKI, 2010 *apud* PEDERIVA & TUNES, 2010, p.16, grifos nossos).

As autoras afirmam que mesmo onde existir apenas “um homem com suas emoções pessoais, ainda aí existirá o social. ”. Segundo Vigotski (2001, p. 315), citado pelas autoras, “a arte é o social em nós [...]” (VIGOTSKI, 2001 p. 315 *apud* PEDERIVA & TUNES, 2010, p.08). Sobre este tema, Pederiva e Tunes (2010, p.08) afirmam que o efeito da arte é “sempre um efeito social, mesmo que realizando a catarse e arrastando as emoções para seu fogo purificador, bem como as comoções mais íntimas e vitalmente importantes de uma alma individual. ”

No caso deste meme, a catarse, para mim, tem a ver com reconhecer e entrar em contato com a dor da Escravidão e as formas que essa ferida ainda sangra, e de que forma eu contribuo para que essas violências se perpetuem, existem nos trabalhos culturais ferramentas psicológicas que são capazes de ser internalizadas.

Estas ferramentas incluem todos os sistemas semióticos, todas as habilidades e processos intelectuais da mídia, operações e estruturas intelectuais, e os modelos de atividades intelectuais que ocorrem sempre que a aquisição de cultura acontece (IVIC, 2000).

Em primeiro lugar a cultura cria um estoque infinito de poderosas ajudas externas (ferramentas, aparelhos, tecnologias) que dão suporte aos processos psicológicos. Ivic (2000) nota que, para Vigotsky “[...] o que importa são as consequências psicológicas, o impacto que a existência destas ferramentas tem no desenvolvimento do indivíduo, ou seja, a interação entre o indivíduo e estas ferramentas”.

Com relação ao conteúdo do meme, lembramos que Fontana e Lorenz (2012) destacam que “um texto é produzido por um sujeito, num determinado tempo e num determinado espaço. Por isso, ele revela uma visão de mundo da sociedade em que está inserido quem o produz.”.

Portanto, apresentamos a seguir algumas réplicas do meme “nego faz tal coisa” como forma de demonstrar (mais uma vez) que vivemos em uma sociedade racista, pois, caso o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento não existissem, talvez este meme não tivesse surgido, pois não haveria na cultura elementos que o proovessem de sentido.



Desta forma, dado que um texto, para além de ser um objeto linguístico também é um objeto histórico na medida em que mostra as concepções de determinada sociedade em uma determinada época de sua história e, levando em consideração que quem escreve o texto utiliza ideias e visões de mundo de seu tempo, bem como da sociedade em que vive (FONTANA & LORENZ, 2010), convidamos o interlocutor a refletir sobre quais pistas este meme pode nos dá com relação à temática racial no Brasil.



Figura 8: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”. Fonte: Acervo pessoal.



A Figura 10 apresenta a réplica de um *tweet* onde a *digital influencer* Joleana questiona se houve alguma manifestação na internet a respeito do meme “nego faz tal coisa”, o qual obteve 21 *replies*, 19 *RTs* e 35 *likes*.

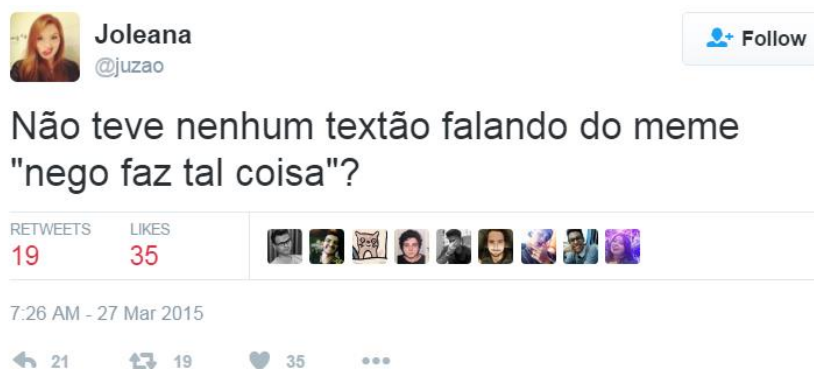


Figura 9: Réplica de *tweet* da *digital influencer* @juzao (seguida por 133 mil usuários naquela rede social). Disponível em: <<http://bit.ly/2gKQQoX>>. Acesso em: 30 set. 2016.

Como podemos ver na Figura 11, os usuários @lindoecherouso e @FelipeTeTZ ignoram o questionamento proposto por Joleana e comentam que “nego tem que ter tempo” e “Nego não teve coragem.”, utilizando o parâmetro nego como indeterminador do sujeito mais uma vez, silenciando e ridicularizando toda a problemática que envolve a questão.



O usuário @ViniciusSerpa dá notícias do vídeo do Felipe Neto com o qual dialogamos neste ensaio. Para demonstrar a dimensão do eco social das opiniões expressas por meio de mídias sociais, por exemplo, o vídeo "Nego acha que é racismo" (publicado em 21 de março de 2015), veiculado pelo **Canal Felipe Neto**, até o presente momento, 09 de dezembro de 2016, tinha 7.452.085 inscritos e teve 2.078.699 visualizações, com reações de 164.061 *likes* e 5.113 *dislikes*.

A Figura 12 traz um *print* do vídeo “Nego acha que é racismo” no dia 10 de novembro de

Figura 10: Réplica de *replies* de usuários ao *tweet* da @juzao. Disponível em: <<http://bit.ly/2gKQQoX>>. Acesso em: 30 set. 2016.

2016, a qual demonstra a velocidade dos fenômenos nas redes sociais. Analisando a Figura 6, observa-se a velocidade das mídias sociais e infere-se porque cada vez mais se afirmam como um campo de influência importante. Em 30 dias o número de inscritos aumentou em 1.088.325 (um milhão oitenta e oito mil trezentos e vinte três) usuários (5%), o vídeo foi visto 103.497 mil vezes (em média 3.449 vezes por dia), recebeu 6776 *likes* (225 por dia) e 343 *dislikes* (11 por dia).



Figura 11: *Print* da página do vídeo “Nego acha que é racismo”. Disponível em: <[https://youtu.be/LBRrh\\_97QZI](https://youtu.be/LBRrh_97QZI)> Acesso em: 11 nov. 2016.

Apesar de defender que o meme “nego faz tal coisa” não seja racista, o começo do vídeo Felipe informa que pesquisou a respeito. Ele diz:

Primeiro eu conversei com uma pessoa que achou preconceito. Qual foi o argumento dessa pessoa? Que a palavra nego, historicamente tem uma conotação depreciativa para com o negro e ela foi perpetuada e, por mais que hoje ela não tenha essa conotação

negativa, ela ainda carrega preconceito do passado e que, portanto, essas montagens ajudam a ridicularizar a condição negra através do “nego não aprende”

Concordamos com os argumentos da pessoa que conversou com Felipe e a parabenizamos pelo poder de síntese. A seguir, apresentamos algumas réplicas do meme que trazem frases como “nego não aprende”, ilustrada por imagens de crianças Negras “normais” (o que sugere que elas sejam burras); e “nego é retardado”, ilustrada por imagens de crianças Negras com Síndrome de *Down*, menosprezando as capacidades intelectuais dos sujeitos.



Figura 12: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”, ilustradas por fotos de sujeitos Negros, ligando-os a frases como “nego não aprende”, “nego é retardado”, “nego é muito criança” e “nego *downs vacilo*” (esta última é um trocadilho entre Síndrome de *Down* e a gíria “dar uns vacilos”). Fonte: Acervo pessoal.

## REFLEXÕES SOBRE O USO DO REFERENCIAL “NEGO” COMO PARÂMETRO INDETERMINADOR DO SUJEITO



Figura 13: Réplicas de comentários na página do vídeo “Nego acha que é racismo”. Disponível em: <[https://youtu.be/LBRrh\\_97QZI](https://youtu.be/LBRrh_97QZI)> Acesso em: 11 nov. 2016.

Ao analisar o fenômeno da linguagem, Santos e Ribeiro (2010) trazem uma leitura de Vogt (1943) proposta por Hall (2013) na qual tem-se:

A linguagem como o espaço onde o homem estrutura sua cultura. [...] A linguagem e o comportamento são os meios pelos quais se dá o registro material da ideologia, a modalidade de seu funcionamento. Esses rituais e práticas sempre ocorrem em locais sociais, associados a aparelhos sociais. É por isso que devemos analisar ou desconstruir a linguagem e o comportamento para decifrar os padrões de pensamento ideológicos ali inscritos. (HALL, 2003, p. 164 *apud* SANTOS & RIBEIRO, 2010, p.2352)


Qual seria então a ideologia por trás do hábito culturalmente estabelecido de se utilizar o significante “nego” para indeterminar o sujeito?

Ao procurar os verbetes “nego” e “neguinho” em dicionários, fiquei surpresa de descobrir que eles validam o uso do significante “nego” como indeterminador do sujeito. Minha surpresa emana de dois incômodos: 1) a indeterminação do sujeito por meio do uso do termo “nego” está culturalmente posta, tanto que está dicionarizada e, 2) não há problematização a respeito das implicações disto ou, quando há, as vozes divergentes são silenciadas.

É nítido o silenciamento da pauta das relações raciais nos registros dos dicionários, ainda mais se considerarmos que em nenhum dos verbetes “nego” ou “neguinho” nos quais seu uso como indeterminador do sujeito é validado consta que o termo é pejorativo. Os dicionários naturalizam este discurso racista e este fato se torna formalmente aceito. Não obstante, na edição

mais nova do Dicionário Aurélio, surge uma entrada “branquelo”, onde consta que o termo é pejorativo.

Mais uma vez, os fatos trazidos ilustram que há uma contradição em que posições supostamente “neutras” estão alinhadas com o projeto do branqueamento. Assim, temos que o discurso vem a ser justamente o conjunto de práticas discursivas que instituem os objetos sobre os quais enunciam (FOUCAULT, 1972 *apud* COSTA, 2012).



Português
Inglês
Espanhol

**Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**

## neguinho

### ne-gui-nho

**sm**

**COLOQ**

- Negro jovem.
- Indivíduo anônimo, indeterminado; gente, negro.
- Apelido geralmente carinhoso: *O que você acha disso, neguinho?*

**ETIMOLOGIA**  
der de *negro*+*inho*.

### nego

**ne-go**

**sm**

**COLOQ**

- Homem anônimo, indeterminado; gente, indivíduo, neguinho.
- COLOQ** Apelativo carinhoso, amor, bem: *Estou com saudade, meu nego.*
- Apelativo que recebe uma relação familiar; amigo, camarada: *Posso ajudá-lo, nego?*

**INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES**  
**SIN** negro.

**ETIMOLOGIA**  
alt de negro.

**nego** | adj. s. m. | s. m.  
1ª pess. sing. pres. ind. de **negar**

**ne·go** |ê|  
(alteração de *negro*)  
*adjetivo e substantivo masculino*  
1. [Brasil, Informal] Diz-se de ou indivíduo de pele muito escura. = NEGRO  
*substantivo masculino*  
2. [Brasil, Informal] Forma familiar e carinhosa de tratamento (ex.: *cadê minha nega?*).  
3. [Brasil, Informal] Designação vaga de pessoa indeterminada (ex.: *isso aí é carro de nego trabalhador*). = INDIVÍDUO, NEGUINHO, SUJEITO, TIPO

Palavras relacionadas: [neguinho](#), [negado](#), [negação](#), [nega](#), [negar](#), [necas](#), [neca](#).

**ne·gar** - Conjugar  
(latim *negō*, -are, dizer não, recusar)  
*verbo transitivo*  
1. Afirmar que algo não existe ou não é verdadeiro. = DESMENTIR  
2. Recusar.  
3. Não confessar culpa ou delito.  
4. Proibir, impedir.  
5. Rejeitar.  
6. Repudiar, não reconhecer.  
*verbo intransitivo*  
7. Dizer que não.  
*verbo pronominal*  
8. Não querer fazer.  
9. Escusar-se, recusar-se.

Palavras relacionadas: [negado](#), [negação](#), [recusar](#), [desmentido](#), [desdizer](#), [repelir](#), [denegar](#).

**neguinho** | s. m.

**ne·gui-nho**  
(nego + *inho*)  
*substantivo masculino*  
1. [Brasil, Informal] Menino ou jovem de pele muito escura. = NEGRINHO  
2. [Brasil, Informal] Forma familiar e carinhosa de tratamento das pessoas do sexo masculino (ex.: *e aí, neguinho, tudo bem?*). = NEGRO  
3. [Brasil, Informal] Designação vaga de pessoa indeterminada (ex.: *neguinho não pode pensar só em benefício próprio*). = NEGRO, SUJEITO

Palavras relacionadas: [nego](#).



## Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico

**nego**

ne.go • 'nagu

**nome masculino**

- Brasil coloquial* indivíduo, sujeito
- Brasil* forma de tratamento familiar e carinhosa
- Brasil coloquial* pessoa de pele muito escura; negro

 De *negro*, com síncope do *r*

**PESQUISAR**

## Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico

**neguinho**

ne.gui.nho • na'giɲu

**nome masculino**

- Brasil coloquial* menino ou jovem negro
- Brasil coloquial* indivíduo, sujeito

 De *nego*+*inho*

**neguinho** diminutivo masculino singular de [nego](#)

Parecidas

[neguinhos](#) [negrinho](#) [neguinha](#) [negrinhos](#) [negrinha](#) [negrilho](#) [neblino](#)

Palavras vizinhas

[negrura](#) [neguentropia](#) [neguentrópico](#) **neguinho** [negus](#) [nele](#) [nelore](#)

---

**neguinho**

**(ne.gui.nho)** Bras. A A A /

**sm.**

- Menino ou jovem negro: "Upa, [neguinho](#) na estrada / Upa, pra lá e pra cá / Virge que coisa mais linda! / Upa, [neguinho](#) começando a andá!" (Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri, "Upa, neguinho".)
- Indivíduo indefinido; GENTE; NEGRO; PESSOA: *Tem [neguinho](#) aí que entrou na festa*

---

**nego**

**(ne.go)** [ê] Bras. A A A A

**sm.**

- Pessoa qualquer, indeterminada; CARA; CAMARADA: *Tem [nego](#) que só quer sombra e [água](#) fresca.* [Como 'neguinho', 'nego' é us. no Brasil, popularmente, como pron. indef., equivalente ao 'on' do fr., ao 'one' do ing. e ao 'man' do al.: *Ceguei e [nego](#) veio logo me dizendo para sair dali*]
- Forma de tratamento carinhosa: *Já vai, meu [nego](#)?*
- Pessoa de pele negra: *"[Nega](#) do cabelo duro/ qual é o pente que te penteia..."* (Rubens Soares e Davi Nasser, *Nega do cabelo duro*)

[F.: f. sinc. de *negro*. Hom./Par.: *nego* (ê) (fl. de *negar*).]

Figura 14: Montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes dicionários eletrônicos para as palavras “nego” e “neguinho”. Fonte: Sítios eletrônicos diversos. Referências disponíveis no Apêndice II. Acesso em: 30 set. 2016.





## Exemplos com a palavra neguinho

"Tem muito **neguinho** ruim.

*Folha de São Paulo, 06/07/2009*

Enquanto apanhava, ele disse que era chamado de "**neguinho**".

*Folha de São Paulo, 27/08/2009*

Será que ele lembra do Basílio, do **neguinho** que alimentava ele?", disse o mateiro.

*Folha de São Paulo, 27/07/2009*

**sinônimos.com.br**  
dicionário de sinônimos online

### Sinônimo de nego

4 sinônimos de nego para 1 sentidos da palavra nego:

1 amigo, camarada, colega, companheiro.

A palavra **nego** aparece também nas seguintes entradas:

negro

#### TOP DEFINITION

### nego

It's a Brazilian slang for "nigga", but we use it either with black and white people. We use it to talk about a third person. Frequently used in indirect (shades)

*Nego gosta de Coca Cola, mas eu prefiro Pepsi - Those Bitches/People/Guys like Coca Cola, but I prefer Pepsi*

#neguinho #nigga #that people #bltch #fulano

by **Broke Boi** July 05, 2014

37 8



#### TOP DEFINITION

### Neguinho

It's a Brazilian slang for "nigga", but in Brazil we use it either with black and white people. We use it to greet friends. It's not a offensive word in Brazil, but sometimes it can be.

*Coé neguinho, tranquilo?*

*Fala aí parceiro, tô tranquilo!*

*Yo nigga, what's up?*

*Hey bro, I'm fine!*

#coé #parceiro #cumpadi #muleque #mané

by **Luizin** March 19, 2010

27 8



### 1. Neguinho

Significado de Neguinho Por **stock (RJ)** em 14-04-2007

Gíria, usada para definir qualquer pessoa e de qualquer raça.

*-Tem **neguinho** tá aprontando pra mim.*

### 2. Neguinho

Significado de Neguinho Por **Mauro Rocha (RJ)** em 29-03-2007

Pessoa indeterminada. Alguém.

***Neguinho** é foda !!*

*Tem **neguinho** aí que está só falando merda.*

« negligente « negligentemente « **nego** » negociação » negociado »

Figura 15: Montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes dicionários eletrônicos para as palavras “nego” e “neguinho”. Fonte: Sítios eletrônicos diversos. Referências disponíveis no Apêndice II. Acesso em: 30 set. 2016.



Figura 16: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”, ilustradas por fotos de sujeitos Negros durante a Escravidão e Apartheid, ligando-os a frases como “nego não vale nada”, “nego tá soltinho hoje”, “nego não se emenda”, “nego é traíra”, “nego não se enturma”, e “nego fala demais”. Fonte: Acervo pessoal.





Figura 17: Montagem feita pela autora com réplicas do meme “nego faz tal coisa”, ilustradas por fotos de sujeitos Negros crianças, ligando-os a frases como “é muito criança”, “nego se amarra”, “nego se diverte” e “nego tá de brincadeira”. Fonte: Acervo pessoal.

Em determinado momento do vídeo, Felipe Neto faz a seguinte pergunta ao interlocutor: "Conotação da palavra muda ao longo do tempo, então por que que hoje nós precisamos ficar presos nas amarras de palavras que surgiram como preconceito, mas que hoje não são mais?"

Para responder esta pergunta, precisamos retomar a ideia de Kyaio (2016) de que apesar vivermos na época do politicamente correto e da retórica social englobar a responsabilidade social da equidade, os sistemas não mudaram. Ou seja, “as regras, os ideais, e mecanismos continuam a seguir modelos que refletem valores brancos e colonizados” (KYAIO, 2016, tradução nossa).

Ramos (2015), em matéria<sup>30</sup> que obteve mais de 2 mil compartilhamentos no *Facebook*, afirma que “por mais que o meme “nego” tenha surgido sem compromisso social e busque gerar

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2qEf0bm>> Acesso em: 12 mai. 2015.

o riso com a sua tradução literal, o conjunto entre palavras e imagem geram desconforto porque remontam a um racismo histórico.”

Ramos (2015) nos lembra, ainda, que apesar de a língua variar com o contexto, não podemos esquecer que ela nasce a partir de uma disputa ideológica e não se desvencilha de suas origens. Além disso, também é usada como ferramenta de poder.

Portanto, a autora nos alerta que “precisamos relembrar como a palavra “nego” era usada no século 19 para compreendermos porque o atual meme é racista” e desabafa: “Diante de tudo isso, fica a pergunta: para quem a escravidão e o assassinato de negros é piada? Para nós, neguinhas e neguinhos, é que não é.”

A usuária **hard x cookie**, cujo *avatar*<sup>31</sup> lembra o busto de uma Rainha egípcia, denuncia que “*É tão preconceituosa essas montagens que colocam NEGROS para fazer piada! Se “nego” é qualquer um, coloca branco, já que é apenas uma forma de chamar o outro*”. O usuário **Dorian Mori**, que também apresenta estereótipos Negros, apoia **hard x cookie**, afirmando que ela o representa. Note que a expressão “me representa” surgiu em um movimento político coletivo de resistência nas redes sociais, principalmente no Instagram, em oposição, inicialmente ao Deputado Federal Marco Feliciano e depois tomou seu próprio significado, querendo dizer que algo “se alinha com seus princípios, valores, expectativas”.

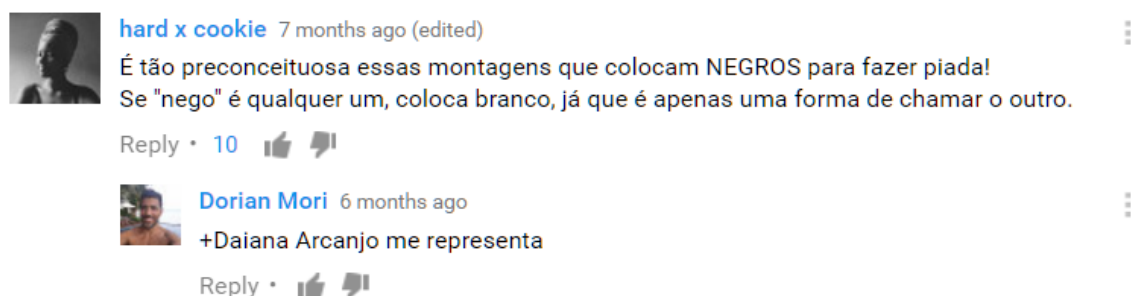


Figura 18: Réplica de comentário dos usuários **hard x cookie** e **Dorian Mori** na página do vídeo “Nego acha que é racismo”, do **Canal Felipe Neto**. Disponível em: <[https://youtu.be/LBRrh\\_97QZI](https://youtu.be/LBRrh_97QZI)> Acesso em: 11 nov. 2016.

<sup>31</sup> *Avatar* é a “foto de perfil”.

Em resposta ao exercício proposto por **hard x cookie**, apresentamos na Figura 20 alguns *tweets* dos perfis **@brancosiguais** e **@brancosfeios** para demonstrar o estranhamento sentido quando a piada, embora outra, é feita com imagens de sujeitos brancos.

Note o comentário do usuário **@IbraKallas**, que, em face de seu estranhamento ao ver corpos brancos “deslocados” para um lugar de chacota, denuncia que o perfil **@brancosiguais** é racista, dizendo “vcs já viram esse twitter racista? entrem la e pensem se fosse a mesma piada ao contrario)”. A noção equivocada de que o racismo também poderia funcionar em via inversa também é apontada no *tweet* de **@brancosfeios**, que traz uma imagem de uma porta de banheiro com os dizeres “Cadê o Centro de Convivência Branca?”, como forma de “protesto”.



Figura 19: Montagem feita pela autora de *tweets* dos perfis **@brancosfeios** e **@brancosiguais** motivada pela provocação da usuária **hard x cookie** de se fazer piada com pessoas brancas (mesmo que em outro contexto).

Sobre a noção equivocada de racismo reverso, Djamila Ribeiro (2014) nos explica que “Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para serem racistas.”<sup>32</sup>

Portanto, posto que a população Negra sofre um histórico de opressão e violência que a excluiu em um sistema que perpetua mecanismos de exclusão para que eles continuem à margem, é impossível para um Negro ser racista contra um branco, por mais que este negro possa estar reproduzindo comportamentos racistas.

Diante de todas as reflexões expostas neste ensaio e em respeito a tudo que sinto mas que ainda não encontrei as palavras para dizer, e considerando tantas coisas que queria ter incluído neste trabalho, mas que precisaram ser deixadas para outro momento, faço agora a opção metodológica de incluir um comentário de usuário o qual eu não analisarei explicitamente, textualmente.

Certa de que as reflexões apresentadas até agora servirão de suporte teórico adequado, apresentamos na Figura 21 um comentário que “nos representa” (em referência à expressão usada por Dorian Mori anteriormente).

Antes de apresentar a referida Figura, trazemos Kilomba (2010, p.13) citando a leitura que hooks (1990, p.5) fez da obra de Paulo Freire por concordarmos:

É o entendimento e o estudo da nossa própria marginalidade que cria a possibilidade de emergimos como um novo sujeito. Sobre este processo de inventar um novo eu, bell hooks argumenta que ele emerge quando começamos a entender como estruturas de dominação trabalham em nossas vidas, quando desenvolvemos pensamento crítico e inventamos novos hábitos de ser alternativos a as de ser e resistir a partir daquele espaço marginal de diferença interiormente definido (hooks, 1990:5 *apud* KILOMBA, 2010, p.13).

Desta forma, trazemos o comentário feito pelo **Canal Papo de Preta**, projeto de Maristela Rosa e Natália Romualdo, será apresentado a seguir por reconhecermos seu teor educativo e concordarmos com o conteúdo exposto.

Em seguida, a Figura 22 traz um exercício de decolonização do vocabulário e de representações inconsciente coletivo.

---

<sup>32</sup> RIBEIRO, Djamila. “Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios”. Carta Capital. 05 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2pZo0sR>>



**Papo de Preta** 8 months ago

Bom, eu acho que a questão de "pensar cada virgula", tem a ver com o fato de que todos são preconceituosos só fingem que não. Todo mundo já riu e muita gente já falou piadinha e termos extremamente racistas, daqueles sem defesa nenhuma, e nunca achou nada demais, porque estava entre amigos, entre pessoas brancas que riram muito e ficou por isso mesmo.

Quando você chega no âmbito da internet, onde você está falando pra quem quiser ouvir (literalmente) e tendo um número expressivo de seguidores, aí esse tipo de atitude é problematizada e a pessoa que sempre se considerou "não racista", começa a culpar o "politicamente correto" por tudo.

O mais importante, antes de falar de "caça as bruxas" e "encheção de saco", é entender que se você não pensa sobre o assunto, se pra você é tudo uma questão de "vamos nos aceitar, não há diferenças entre a raça humana", provavelmente você está reproduzindo muito discursos racistas e até cometendo racismo, sem perceber. Porque racismo não é exceção, é REGRA! A nossa sociedade é pautada por "ser branco é bonito", "ser preto é feio", "brancos são inteligentes", "pretos são burros", "brancos em posição de destaque", "negros subservientes", "brancos são confiáveis", "pretos são suspeitos" e se você não questiona nada disso, provavelmente você fecha o cu quando vê um "negro suspeito", ou você dá risada quando vê um cabelo crespo natural porque, pra você "é muito estranho", ou ainda você acha muito escroto uma pessoa com "nariz de batata".

Pra ter certeza que você não é racista, de verdade, não basta bater no peito e dizer que você é uma pessoa boa. 99% do racismo diário que negros e negras enfrentam vem de pessoas boas. Não negue o racismo que está em você! Antes pare pra pensar em todos os estereótipos, gracinhas, "gostos", medos e tudo que acha que sabe com relação a uma pessoa negra e desconstrua tudo isso! Leia, pesquise, veja vídeos, converse (não querendo refutar, mas aprender) com pessoas negras... Isso só te fará crescer e aí o "pensar em cada virgula" se fará cada vez menos necessário, pelo menos quando o assunto for questão racial. :)

[Show less](#)

Reply • 1  

Figura 20: Réplica de comentário do **Canal Papo de Preta** na página do vídeo "Nego acha que é racismo", do **Canal Felipe Neto**. Disponível em: <[https://youtu.be/LBRrh\\_97QZI](https://youtu.be/LBRrh_97QZI)> Acesso em: 11 nov. 2016.





Figura 21: Montagem feita pela autora com postagem do usuário **Paulo Henrique** na rede social *Instagram*; *tweet* de **@RenanWilbert** congratulando a nova Miss Brasil e uma imagem de Jesus Preto. Artigos com a imagem de Jesus Preto disponíveis para a venda em: <<http://bit.ly/2hsdp0R>>. Acesso em: 12 set. 2016.

## REFLEXÕES DE ATÉ ENTÃO (NUNCA FINAIS)

Para concluir este ensaio reflexivo, compartilho com o interlocutor uma conversa informal, porém importantíssima, que tive com minha amiga Lia Maria (sempre ela, a fada) por meio do aplicativo WhatsApp. Ela gravou em uma madrugada, eu ouvi no outro dia, durante uma manhã inteira, depois a noite, depois de manhã, e de noite novamente... imersa nas reflexões propostas ao mesmo tempo em que tomava coragem para deixar o barco me levar. Da mesma maneira que os pares que observei por tantos meses nas redes sociais através da lente desta pesquisa, da mesma forma eu também demonstrei muitas resistências ao longo deste processo de escrita, que experimentei como uma indescritível catarse.

Escolhi transcrever o trecho abaixo na íntegra (com a devida autorização), pois a forma com que ela descreveu o meu processo para mim abriu muitas portas e iluminou várias questões que me permitiram verbalizar tantos incômodos. O trecho abaixo está sem recuo e com tamanho de fonte normal para maior conforto de leitura. Após esta apresentação, trarei as reflexões finais desta pesquisa.

*“[...]Primeiro, eu acho que uma pergunta que você poderia responder é por que te incomoda como as pessoas não-negras e sem apropriação da questão racial tratam negritude? E aí eu acredito que essa resposta é o cerne de tudo que aparece na primeira mensagem que eu te mandei, um processo de construção de afeto e quem vai nos nutrir com isso, quem vai nos inspirar teoricamente com isso, o nosso suporte teórico acadêmico vai ser bell hooks falando sobre educação transgressora. **A gente só consegue transformar vícios sociais e práticas opressoras quando a gente se propõe a se educar ou se reeducar e transgredir um modus operandi opressor pra construção de uma relação de respeito, de dignidade, de escuta qualificada,** e aí Dharana, eu acho que por que te incomoda como as pessoas não-negras se apropriam da questão racial para tratar negritude... é... você se debruça nisso por uma construção de afeto num processo de opressão. Nós estávamos em processo de opressão de gênero, a tua escuta foi mais aberta a mim porque você sabia que eu sofria tanto quanto você, e você sabia que para além dos sofrimentos que a gente vivenciava naquele quadradinho no Lago Sul... é... para além daquele sofrimento, existia um outro sofrimento que me incomodava em demasia; uma expressão de “neguinho”. Isso é afeto, isso é amor. Aí tá a amorosidade; essa é a educação transgressora; essa calma, essa paciência; essa tranquilidade pra te dizer: e por que*

*não falamos branquinho? E por que não fazemos então chacota reversa? **E por que então você se coloca nesse lugar de começar a questionar, se questionar todos esses vícios de linguagem que você adquiriu quando chegou em Brasília? Porque você me ama. E você me ama para além de Lia ser sua amiga negra. Ser sua amiga negra, ser sua **amiga** é muito maior do que ser uma mulher negra militante; uma pesquisadora, uma acadêmica ou qualquer coisa parecida. Porque você poderia ter lido vários textos e não ter se tocado tanto quanto você se tocou. Então, acho que a primeira pergunta que você tem que responder é em que medida essa proposta de construção de afeto enquanto um dos sabores ou um dos ingredientes para a educação transgressora que bell hooks traz, como isso te afeta?***” (DEUS, 2016, grifos nossos).

A catarse que eu vivenciei em relação ao meme “nego faz tal coisa” durante a elaboração destas reflexões deu-se no sentido de perceber que o uso do significante “nego” como parâmetro de indeterminação do sujeito, apesar de estar culturalmente posto e referendado pelos dicionários como “qualquer um”, é uma forma sutil de perpetuar o racismo, mesmo que inadvertidamente.

A palavra “nego”, em outros lugares do mundo é um símbolo do passado e das atrocidades cometidas em nome do capitalismo e evoca sentimentos tão fortes que é censurada, profana, impronunciável, chamada de “a palavra com N”. Aqui no Brasil, no entanto, o silenciamento das questões raciais é quase tão arraigado quanto a própria negação de que haja questões a serem tratadas.

Desta forma, é estarrecedor perceber que, aqui, naturalizamos a profanidade da escravidão, materializada na palavra “nego”, e ainda tivemos a pachorra de um sujeito indefinido que é qualquer um, silenciando qualquer incômodo que poderia surgir em função destas apropriações, inclusive materializando a possibilidade desse discurso em todos os dicionários que consultei.

O uso de “nego” como indeterminador do sujeito está culturalmente posto, porém esperamos que estas reflexões tenham contribuído para que percebamos a necessidade de fazer escolhas semânticas conscientes, pois são escolhas políticas.

Visto que não houve na História da civilização moderna uma ferida tão grave quanto o que foi a Escravidão durante o período colonial, que a riqueza detida hoje pelas elites foi construída a base de sangue Negro escravo, que as atrocidades inenarráveis cometidas contra o povo Negro na época colonial têm reflexos que perduram e se perpetuam até hoje, e que o



racismo opera por meio de ações discursivas, convido meus pares contemporâneos a refletir sobre suas escolhas semânticas a partir de uma perspectiva humanizadora do outro, o “nego”.

Neste sentido, as redes sociais se configuram como um espaço de resistência e ativismo, onde homens e mulheres Negrxs estão galgando espaços de representatividade. Apesar de percebermos inúmeras permanências em relação ao racismo sutil no Brasil, a ruptura vem justamente da esfera virtual, onde jovens Negrxs empoderados estão cada vez mais questionando os pressupostos de poder de branquitude que permeiam todas as nossas relações, atitudes, pensamentos e ações.

Como conclusão da pesquisa, sinto cada vez mais a necessidade de pedir ao Universo que me auxilie cada dia a me observar com mais cuidado para perceber (e transformar) as formas com que colaboro que o racismo sobreviva. Acredito que, sozinha, seja impossível superar as amarras impostas pela ideologia dominante, desconstruir o racismo mim e sentir compaixão pelos meus pares Negros e Negras que sofrem e morrem todos os dias por causa dele.

Desta forma, deixo aqui o meu apelo à Espiritualidade:

**“Misericórdia, Misericórdia, Misericórdia; Redenção, Redenção, Redenção para este Planeta! ”**

Neste sentido, compartilho a seguir a ilustração de uma prece<sup>33</sup> d’A Mãe, Mira Alfassa<sup>34</sup>, em Francês, a qual diz o seguinte: A prece diz: “Nesta noite cai, Tua Paz se faz mais profunda e mais doce e a Tua Voz mais claramente perceptível no silêncio que preenche o meu ser. Ó Mestre, a Ti nossa vida, nossos pensamentos, nosso amor, todo o nosso ser. Retoma posse do Teu bem, porque Tu és nós mesmos em nossa realidade. A Mãe.”.

---

<sup>33</sup> Texto original: “*Dans ce soir qui tombe, Ta Paix ce fait plus profonde et plus douce et Ta Voix plus nettement perceptible dans le silence qui remplit mon être. Ô Divin Maître, à Toi notre vie, notre pensée, notre amour, tout notre être. Reprends possession de Ton bien, car Tu es nous-même dans notre Réalité. La Mère*” (tradução da autora com auxílio do aplicativo Google Translate).

<sup>34</sup> Biografia disponível em: <<http://bit.ly/2hmdtTb>>.

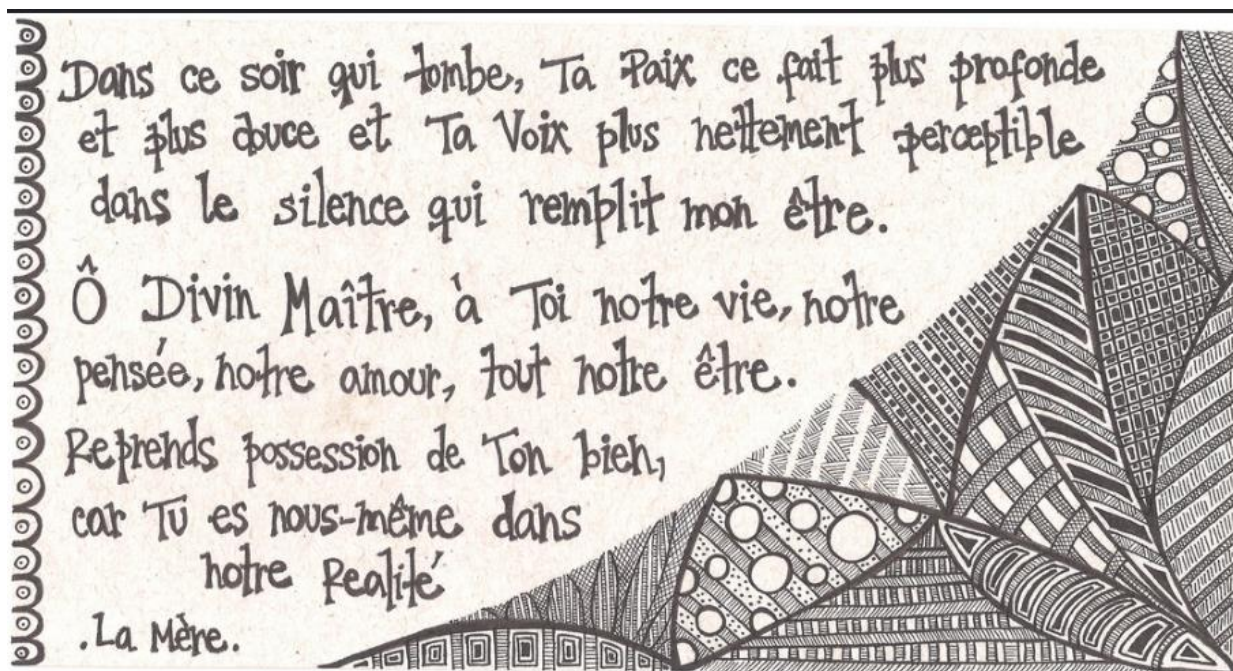


Figura 22: ilustração da autora para uma prece d'A Mãe (The Mother). Fonte: Cadernos de preces da Mãe e Sri Aurobindo. Original disponível em: <<http://bit.ly/2gLNvYo>>. Acesso em: 2005.

## PERSPECTIVAS FUTURAS

*Caminho na Fé que Luz me Guia.  
Penetro com Coragem o Mistério do Trajeto.  
Quero ser luz para ver e Amor para distribuir.*

Realizar esta pesquisa foi meu maior esforço acadêmico até agora. Espero poder continuar na Academia e me aprofundar em estudos Feministas, com ênfase na perspectiva decolonial. Espero que esta sementinha vire uma frondosa árvore no futuro, e que eu possa ter a graça de vê-la frutificar.

Esta experiência de escrita foi uma jornada de autoconhecimento que reavivou em mim a curiosidade de buscar uma linguagem mais apropriada e meios plurais para expressar a minha identidade de resistência. Com muito afeto, a luta continua.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude – O lado oculto do discurso sobre o negro. *In*: CARONE, I. & Bento, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 189 p., 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/2h1h1ar>>. Acesso em: 20 out. 2016.

BERUTTI, Flávio & MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BRACE, Laura. **The Politics of Property: Labour, Freedom and Belonging**. Edinburgh University Press. pp. 162–. ISBN 978-0-7486-1535-3. 2004.

BUTLER, J. (2008) **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”** (2a ed.). Buenos Aires: Paidós. *In*: RIBEIRO, Arilda Inês Miranda; PRADO, Vagner Matias do; BRAGA, Keith Daiani da Silva. Sexualidades espelhadas nos discursos escolares: argumentando a favor de uma pedagogia problematizadora. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2rDuYRp>>. Acesso em: 08 out. 2016.

COSTA, Iraneide Santos. Por que O Cabelo (não) é Ruim? 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2qJnuwc>> Acesso em: 03 abr. 2016.

DEUS, Lia Maria dos Santos de. **Políticas Públicas em Educação para Mulheres Negras: da prática do falo à construção das falas**, 2011. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2huMFk1>> Acesso em: 08 set. 2016.

FANON, Frantz. **Piel Negra, Máscaras Blancas**. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1973. *In*: DEUS, Lia Maria dos Santos de. **Políticas Públicas em Educação para Mulheres Negras: da prática do falo à construção das falas**, 2011. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2huMFk1>> Acesso em: 08 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre esta pesquisa**. Brasília: 2016. (Comunicação oral; suporte: *WhatsApp*)

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. São Paulo: FFCL/USP, 1964. *In*: DEUS, Lia Maria dos Santos de. **Políticas Públicas em Educação para Mulheres Negras: da prática do falo à construção das falas**, 2011. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2huMFk1>> Acesso em: 08 set. 2016.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FONTANA, Maire Josiane; LORENZ, Roseméri. O negro nos textos humorísticos: a tematização do preconceito. Inletas - XII Seminário Internacional em Letras. 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/2r5gnBo>> Acesso em: 25 set. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972. In: COSTA, Iraneide Santos. Por que O Cabelo (não) é Ruim? 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2qJnuwc>> Acesso em: 03 abr. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: SANTOS, Sales Augusto dos. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 39-62. Disponível em: <<http://bit.ly/2rqhk7d>> Acesso em: 08 jan. 2014

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Ser branco no Brasil*. In: GOMES, Nilma Lino; MARTINS, Aracy Alves. (Org.). **Afirmando direitos**. Acesso e permanência de jovens negros na universidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 181-188.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine la Guardia Rezende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003. In: SANTOS, Gabriel Nascimento dos; RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. Análise semântica e pragmática dos significantes "neguinho (a)", e "nego (a)" no século XIX e no mundo contemporâneo. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. In: Cadernos do CNLF, Vol XIV, nº04, tomo 3, Anais do XIV CNLF. ISSN 1519-8782. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q62kaL>> Acesso em: 10 ago. 2016.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades sociais no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1979. In: BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude – O lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, I. & Bento, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 189 p., 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/2h1h1ar>>. Acesso em: 20 out. 2016.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Revistas Estudos Feministas, nº2, 1995. In: DEUS, Lia Maria dos Santos de. **Políticas Públicas em Educação para Mulheres Negras**: da prática do falo à construção das falas, 2011. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2huMFk1>> Acesso em: 08 set. 2016.

\_\_\_\_\_. *Yearning Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South End Press, 1990. In: KILOMBA, Grada. **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2hnVgoh>> Acesso em: 08 jul. 2016.

IVIC, Ivan. Lev S. Vygotsky (1896 - 1934). In: Prospects: the quarterly review of comparative education (Paris, UNESCO: International Bureau of Education), vol. XXIV, no. 3/4, 1994, p. 471–485. UNESCO: International Bureau of Education, 2000. Disponível em:

<<http://bit.ly/2q8SKTE>> Acesso em: 21 out. 2016.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida à colunista Djamilia Ribeiro. “O racismo é uma problemática branca, diz Grada Kilomba”. 30 de março de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2hPs3zw>> Acesso em: 01 dez. 2016.

KYAIIO, Leah R. **Here’s How You Can Be Unintentionally Racist – And How Allies Can Recover**. 10 de abril de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2qEfP43>> Acesso em: 20 set 2016.

LIPPOLD, Walter Günther Rodrigues. **A África no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**: possibilidades de efetivação da Lei 11.645/2008 e da Lei 10.639/2003: um estudo de caso. 2008. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2rqFnTq>>. Acesso em: 23 out. 2016.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.) **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996. In: NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo contra negros: um estudo sobre preconceito sutil**. 2010. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2rGwwcV>> Acesso em: 10 ago. 2016.

NÖTH, Winfred. Termo, origens e precursores da semiótica. In: **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annalume, 1995, p. 17-24. In: HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2hnVgoh>> Acesso em: 08 jul. 2016.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo contra negros: um estudo sobre preconceito sutil**. 2010. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2rGwwcV>> Acesso em: 10 ago. 2016.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. **As Adolescentes Negras no Discurso da Revista Atrevida**. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2qE3Fbb>>. Acesso em: 11 out. 2016.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TUNES, Elizabeth. **A Pedagogia e a Educação Estética**. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q9vPaC>> Acesso em: 23 abr. 2016.

RAMOS, Adriana Vaz *et al.* Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007, p.27-44. In: HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) —



Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2hnVgoh>> Acesso em: 08 jul. 2016.

RAMOS, Aline. “Nega explica porque o meme “nego” é racista”. Portal Geledés. 05 de abril de 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2qEf0bm>> Acesso em: 12 mai. 2015.

RIBEIRO, Djamila. “Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios”. Carta Capital. 05 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2pZo0sR>>

RODRIGUEZ, Matthew. “Brazil Acknowledged History of Slavery in the Rio 2016 Opening Ceremony”. 06 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2hwefdO>>. Acesso em: 28 out. 2016.

SANTOS, Gabriel Nascimento dos; RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. Análise semântica e pragmática dos significantes "neguinho (a)", e "nego (a)" no século XIX e no mundo contemporâneo. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. In: Cadernos do CNLF, Vol. XIV, nº04, tomo 3, Anais do XIV CNLF. ISSN 1519-8782. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q62kaL>> Acesso em: 10 ago. 2016.

SILVA, Daniela Barros Pontes e. **Cadê o negro que estava aqui?: culturas populares e escolarização**. 2014. 81 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2hnVgoh>> Acesso em: 10 fev. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In T. T. da Silva (Ed.), **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais** (3. ed., pp. 73-102). Petrópolis, RJ: Vozes. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/1qPvbLo>>. Acesso em: 12 ago 2013.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge, Massachusetts: The Mit Press Massachusetts Institutes of Technology, 2014.

VIGOTSKI, L.S. "Concrete Human Psychology", in Soviet Psychology, 27(2) pp. 53-77. [publicação original 1986; escrito em 1929] In: GOES, Maria Cecília Rafael de. **A formação do indivíduo nas relações sociais**: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. Educ. Soc., Campinas, v. 21, n. 71, p. 116-131, julho 2000. Disponível em: < <http://bit.ly/2ghJE59> >. Acesso em: 06 dez 2016.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. In: PEQUENO, Saulo Nogueira Florencio. **Educação, criação e autoria nas manifestações tradicionais das culturas populares**: as manifestações da Festa do Divino de Pirenópolis – GO. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação/ Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/UnB. Disponível em: < <http://bit.ly/2h1IngA> > Acesso em: 08 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. In: PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TUNES, Elizabeth. *A Pedagogia e a Educação Estética*. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q9vPaC>> Acesso em: 23 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2010. In: PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TUNES, Elizabeth. A Pedagogia e a Educação Estética. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q9vPaC>> Acesso em: 23 abr. 2016.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1943. In: SANTOS, Gabriel Nascimento dos; RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. Análise semântica e pragmática dos significantes "neguinho (a)", e "nego (a)" no século XIX e no mundo contemporâneo. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. In: Cadernos do CNLF, Vol XIV, nº04, tomo 3, Anais do XIV CNLF. ISSN 1519-8782. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2q62kaL>> Acesso em: 10 ago. 2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016**: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO/Cebela, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2bVB1fk>> Acesso em: 15 jun. 2016.

WALKER, Alice. "If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?". In: **In Search of Our Mothers' Gardens**. 290: 290–91. 1892.



## APÊNDICE I

A imagem que aparece como elemento pré textual deste trabalho constitui-se de uma montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes mecanismos de busca usando a hashtag #ForaTemer. Os sítios eletrônicos foram acessados em 25/10/2016.

A dedicatória faz referência à hashtag homônima (#ForaTemer), tendência registrada em especial na rede social Twitter por meio de mecanismos de busca e análise de tráfego de dados, como os descritos a seguir:

- #ForaTemer <<https://twitter.com/search?src=typd&q=%23foratemer>>. Acesso em: 25 out 2016 1:11AM.
- #ForaTemer <<http://keyhole.co/preview>> Acesso em: 25 out 2016 2:22AM.
- #ForaTemer <<https://www.hashtracking.com>> Acesso em: 25 out 2016 2:11AM.
- #ForaTemer <<https://www.hashtags.org/analytics/foratemer>> Acesso em: 25 out 2016 2:07AM.

## APÊNDICE II

Figuras 15 e 16: Montagem feita pela autora com réplicas de resultados encontrados em diferentes dicionários eletrônicos para as palavras “nego” e “neguinho”. Fonte: Sítios eletrônicos diversos. Acesso em: 30 set. 2016.

Referências dos verbetes, em ordem aproximada de aparição:

NEGUINHO. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. Disponível em: <<http://bit.ly/2hHaWjf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGO. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. Disponível em: <<http://bit.ly/2hrEjav>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/nego>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGUINHO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). Priberam Informática, S.A. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/neguinho>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGUINHO. In: DICIONÁRIO Online de Português (Dicio). Priberam Informática, S.A. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/neguinho>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGUINHO. In: INFOPÉDIA. Porto Editora. Disponível em: <<http://bit.ly/2hxTTEL>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGO. In: INFOPÉDIA. Porto Editora. Disponível em: <<http://bit.ly/2hHcbz1>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGO. In: DICIONÁRIO Online Caldas Aulete. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/nego>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGUINHO. In: DICIONÁRIO Online Caldas Aulete. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/neguinho>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGO. In: DICIONÁRIO de Sinônimos Online de português do Brasil. Dicio.com.br. Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/nego>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGO. In: URBAN Dictionary. Urban Dictionary ®. Disponível em: <<http://bit.ly/2hobPhq>>. Acesso em: 30 set. 2016.

NEGUINHO. In: URBAN Dictionary. Urban Dictionary ®. Disponível em: <<http://bit.ly/2ho6eI0>>. Acesso em: 30 set. 2016.

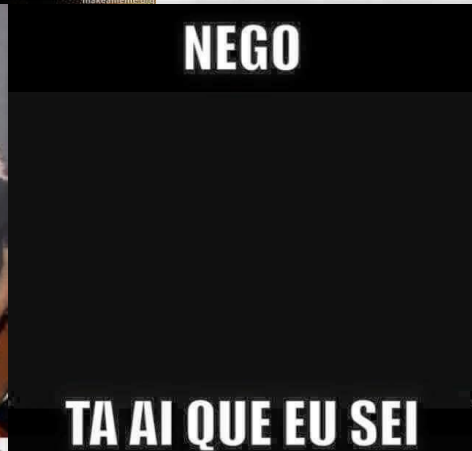
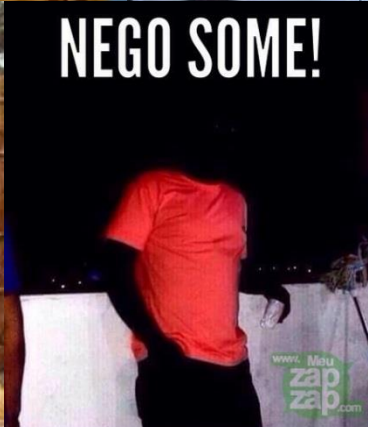
NEGUINHO. In: DICIONÁRIO inFormal. Rádio e Televisão Record S/A. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/neguinho>>. Acesso em: 30 set. 2016.

### APÊNDICE III

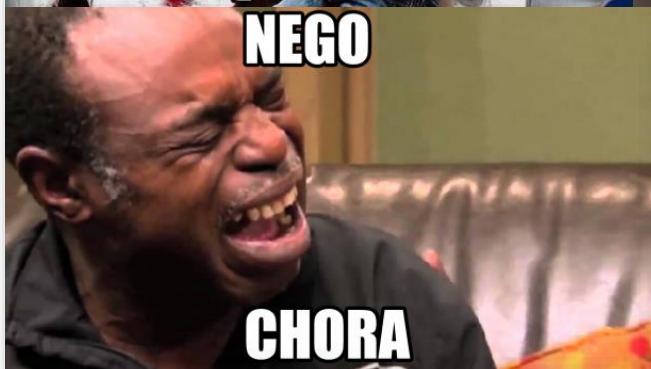
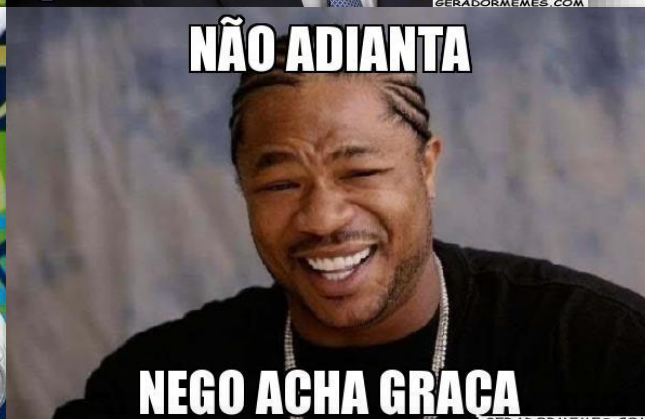
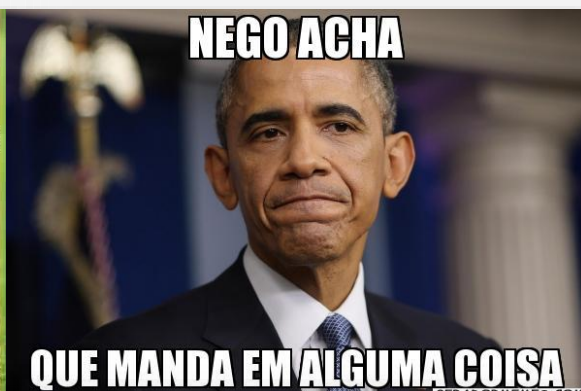
Para fins de registro e memória, apresentamos a seguir as 220 imagens do meme “nego faz tal coisa” coletadas pela autora entre março de 2015 e julho de 2016.







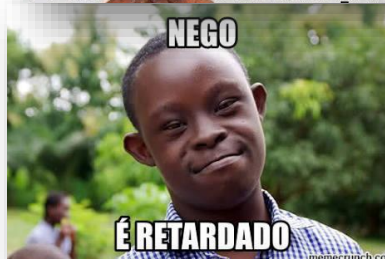
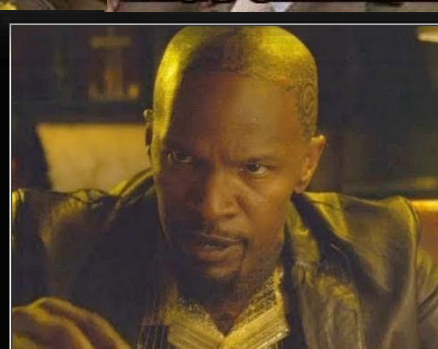
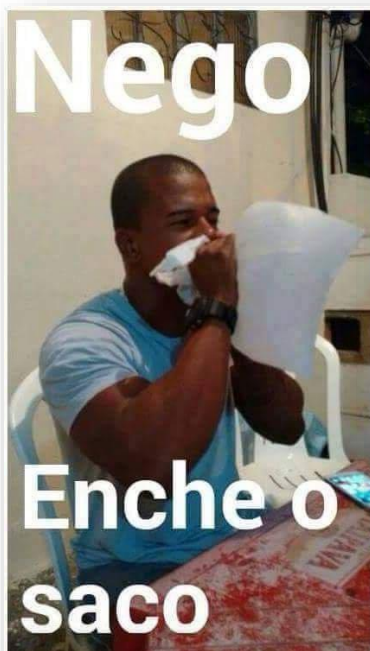




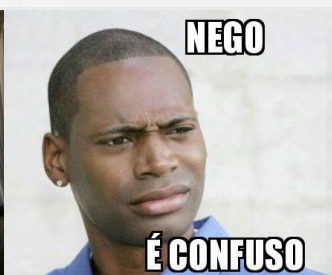












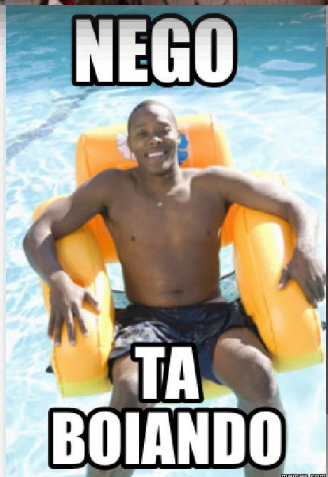
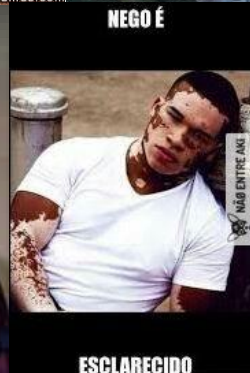




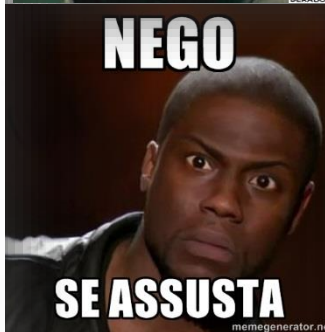




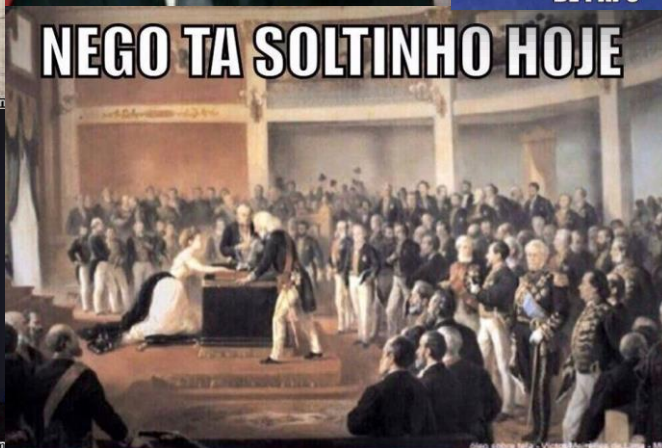
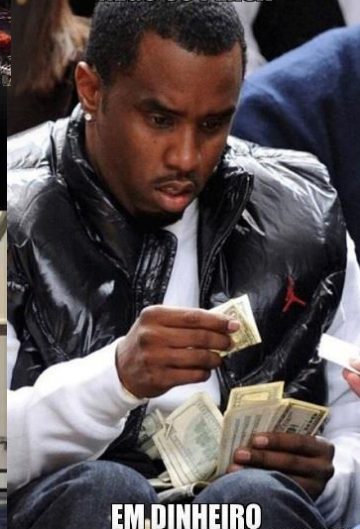








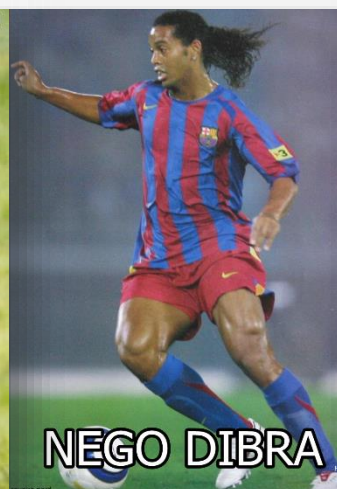




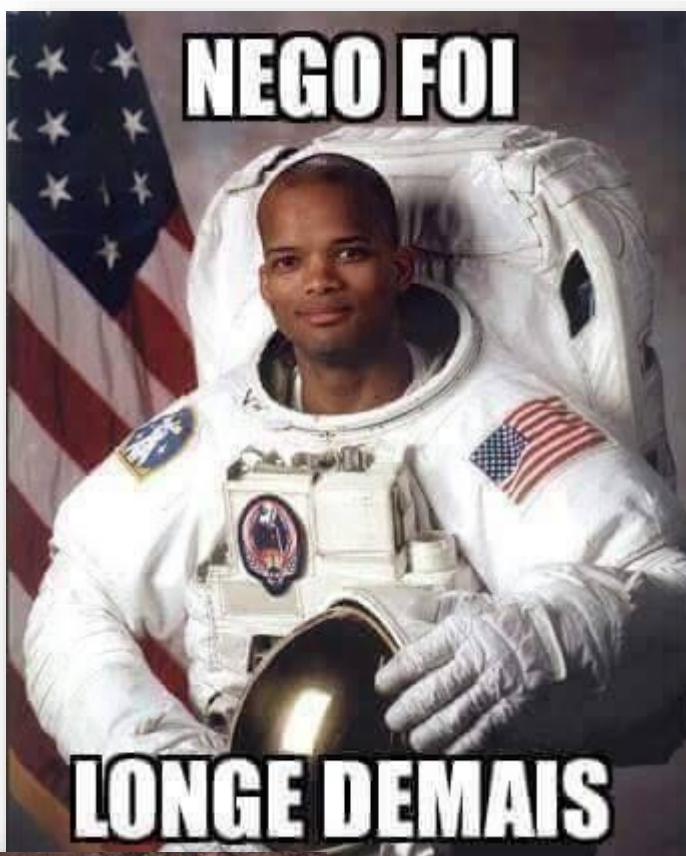














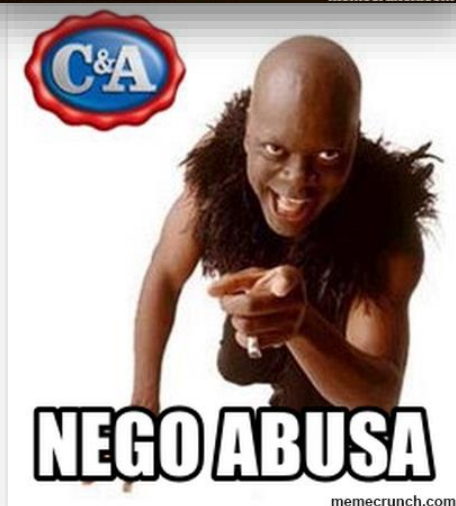


Inclusão Social Surdo Negro

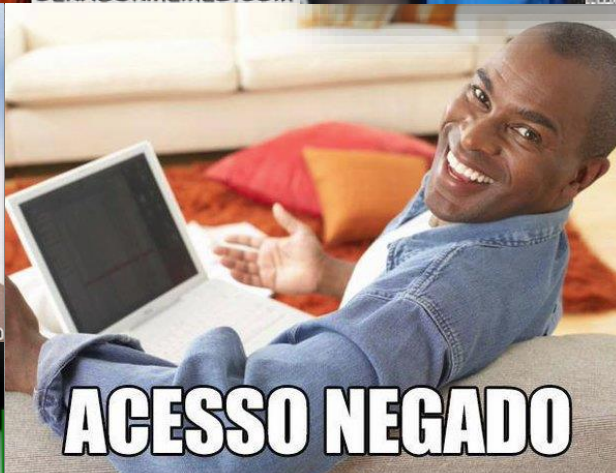
memes.com

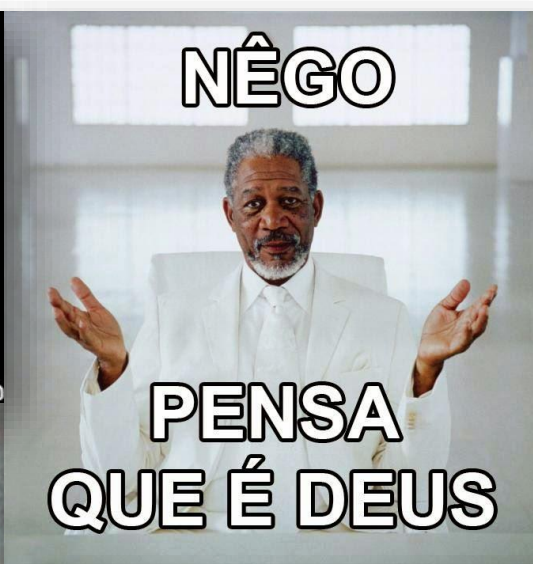






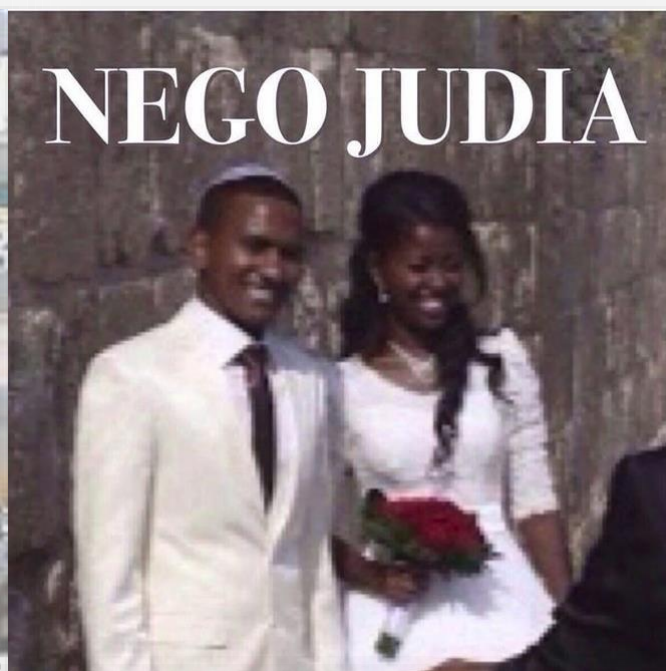


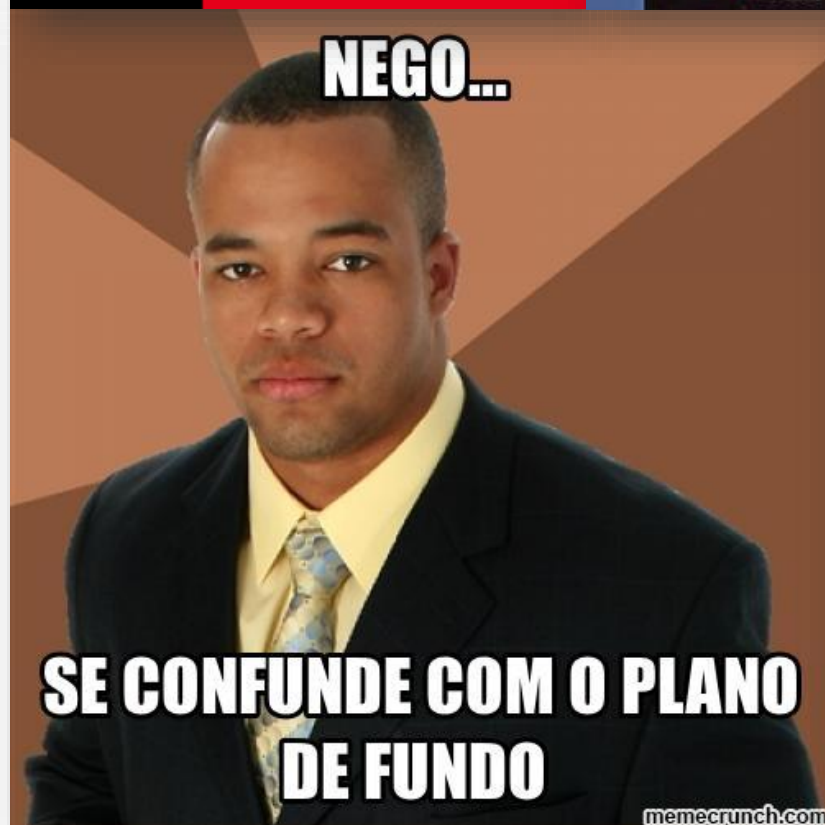
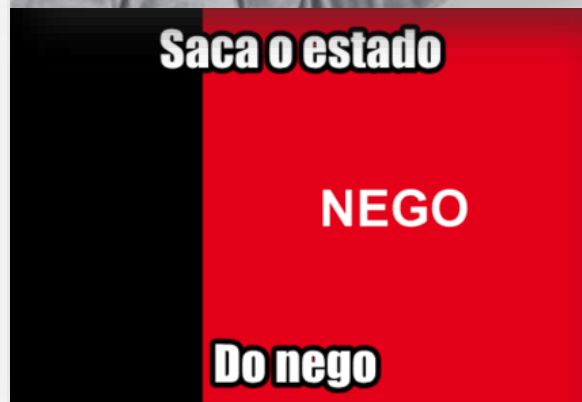
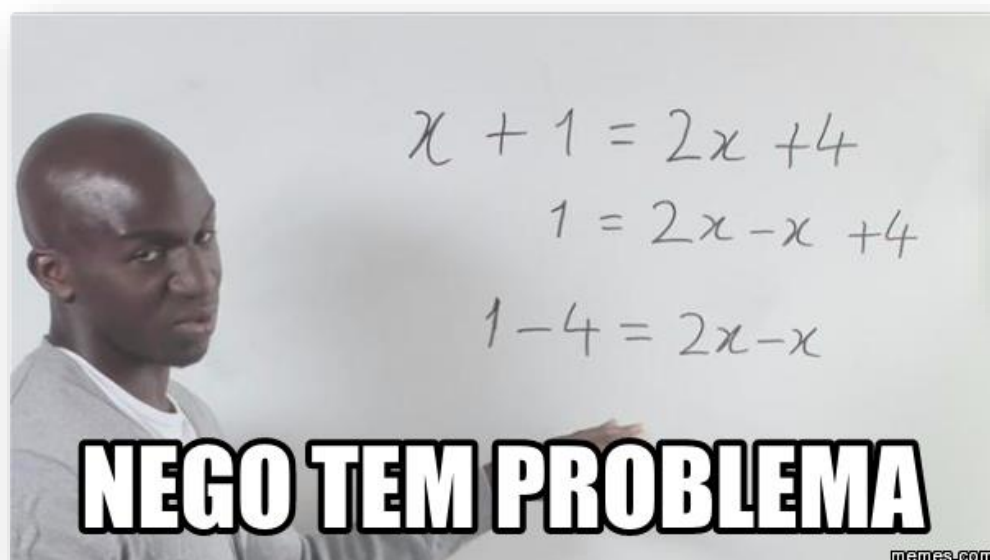




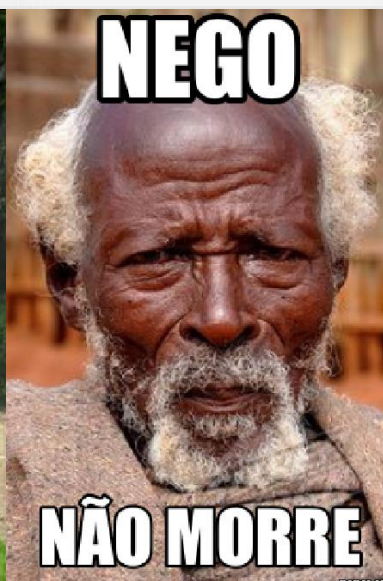
Jauaha nego



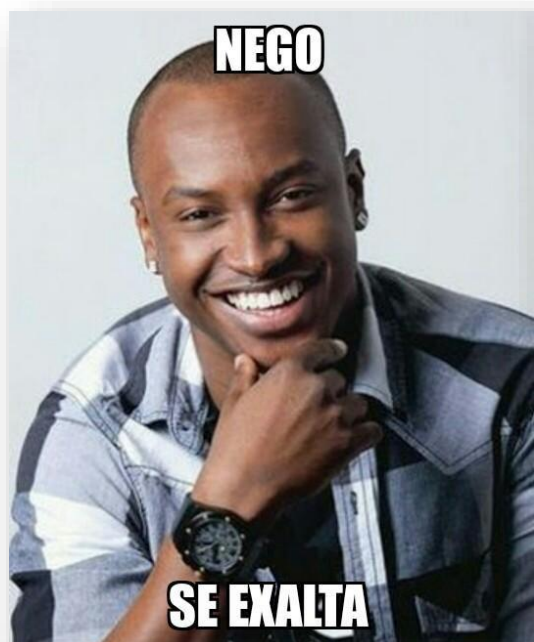








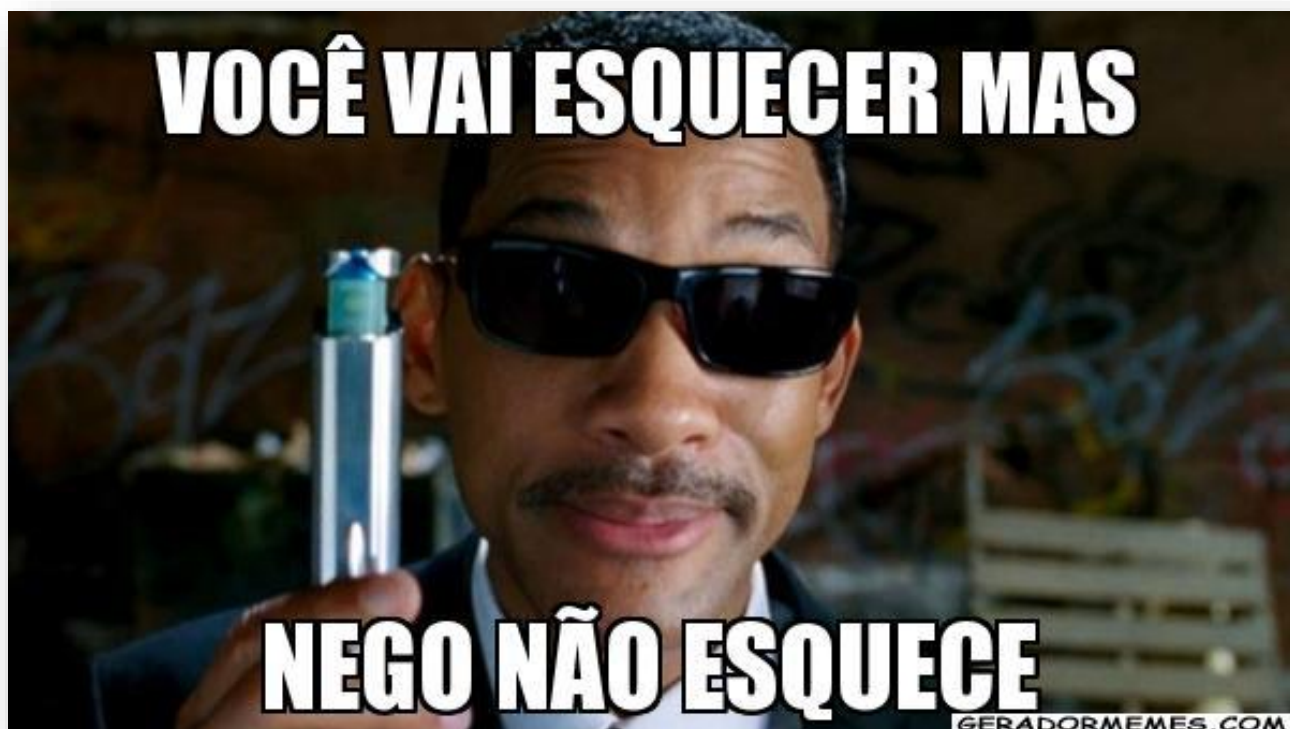






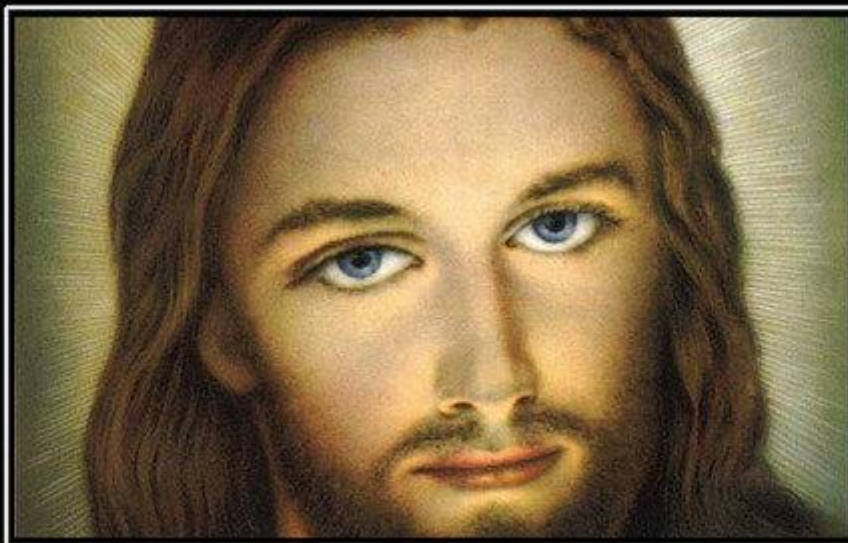








**PAI**



**FAZ ESSES NEGO PARAR DE POSTAR BOSTA!**

**MEMES DE NEGO HOJE!**



**MEMES DE NEGO AMANHAI MEMES DE NEGO  
SEMPREI**